

[primeira capa]

# **Senhor... onde está meu filho?**

**As outras vítimas do aborto**

[página 1]

Este livro é dedicado, e agradece de maneira muito especial, a todas as pessoas atendidas que confiaram sua dor e seu segredo mais íntimo ao Projeto Esperança

Título original: **Señor... ¿donde está mi hijo?**

(tradutor para língua portuguesa: André Deschamps)

Inscrição Nº 166180

I.S.B.N. 978-956-310-896-5

Primeira edição, outubro de 2007

© Corporación Proyecto Esperanza

Edição: Verónica Griffin Barros

Diagramação: Daniel Corominas Zamora

Impressão: Barlovento Impresores

A *Corporación Proyecto Esperanza* acolhe a todos que buscam ajuda, sem distinção de raça, credo ou condição social.

Você pode entrar em contato conosco, ligando para nós no telefone (56-2) 317 70 48, ou então, mandando um e-mail para [proyectoesperanza@vtr.net](mailto:proyectoesperanza@vtr.net)

Nossa página na Internet é [www.proyectoesperanza.cl](http://www.proyectoesperanza.cl)

A *Corporación Proyecto Esperanza* agradece o generoso apoio das Ediciones Obispado de San Bernardo

Direitos reservados conforme a lei.

Proibida a reprodução total ou parcial a menos que se cite a fonte.

Impresso no Chile

[página 3]

**Senhor...**  
**onde está meu filho?**

**As outras vítimas do aborto**

## **Apresentação**

“A família, “patrimônio da humanidade”, constitui um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos. Ela foi e é escola da fé, pilar dos valores humanos e cívicos, o lar no qual a vida humana nasce e é acolhida de forma generosa e responsável. No entanto, na atualidade sofre situações adversas provocadas pelo secularismo e pelo relativismo ético, pelos diversos fluxos migratórios internos e externos, pela pobreza, pela instabilidade social e por legislações civis contrárias ao matrimônio que, ao favorecer os anticoncepcionais e o aborto, ameaçam o futuro dos povos.” Palavras do Papa Bento XVI no Brasil, ao inaugurar a V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe.

Com efeito, em nenhuma época do mundo houve uma tragédia universal como a que hoje vivemos com o aborto. Nunca tantos homens e mulheres morreram tão injustamente sem poder aproveitar a criação que nosso Deus nos presenteou. Nunca na história humana o homem esqueceu com tanta intensidade que “a vida humana é sagrada, porque desde seu início é fruto da ação criadora de Deus e permanece sempre numa relação especial com seu Criador, seu único fim. Só Deus é o Senhor da vida desde seu começo até seu término; ninguém, em nenhuma circunstância, pode se atribuir o direito de matar de modo direto um ser humano inocente.” (CDF, instr. “Donum vitae” intr. 5)

Nunca também, de uma forma tão generalizada e arbitrária, essas matanças de inocentes foram impulsionadas pelas leis dos homens que contrariam a lei de Deus. “Desde o primeiro século, a Igreja afirmou o mal moral de todo aborto provocado. Este ensino não mudou; permanece invariável. O aborto direto, quer desejado como um fim quer como um meio, é gravemente contrário à lei moral,” segue ensinando invariavelmente o Magistério da Igreja, tornando-se, nesta matéria, como uma voz que clama no deserto. O aborto é uma das expressões mais fortes do “deserto das trevas de Deus, do vazio das almas que já não têm consciência da dignidade e do rumo do homem. Os desertos exteriores se multiplicam no mundo, porque os desertos interiores têm se espalhado. Por isso, os tesouros da terra já não estão a serviço do cultivo do jardim de Deus, no qual todos podem viver, mas sim subjugados ao poder da exploração e da destruição.” “Quando uma lei positiva priva uma categoria de seres humanos da proteção que a ordem civil lhes deve, o Estado nega a igualdade de todos perante a lei. Quando o Estado não põe seu poder a serviço dos direitos de todo cidadão, e particularmente daquele que é o mais débil, se rompem os próprios fundamentos do Estado de direito. O respeito e a proteção que se devem garantir, desde a sua concepção, a quem deve nascer, exige que a lei preveja sanções penais apropriadas para toda violação deliberada de seus direitos.” (CDF, instr. “Donum vitae” 3)

Por trás da tragédia do aborto, encontram-se caídos pelo caminho, como aquele personagem maltratado e ferido que foi amparado pelo bom samaritano, centenas de milhares de mulheres, famílias, jovens, que sofrem em sua alma algo tão forte quanto o que sofreram em seus corpos: os sentimentos de terem tirado a vida de um inocente que, mais cedo ou mais tarde, aparecem na vida das pessoas que consentiram em fazer um aborto ou foram induzidas a ele. Um sentimento cruel, que não deixa de acompanhar com dor essas pessoas. É necessário então parar, deixar a própria montaria – minhas coisas, meus problemas, meu tempo livre, meus interesses e meus caprichos – e auxiliar com eficácia espiritual – os sacramentos e conselhos espirituais – e humana – a ciência psicológica – a essas pessoas, levá-las à hospedaria – à amizade e à reconciliação com Deus – curar suas feridas com a caridade, a compreensão e o carinho, e logo mostrar-lhes a beleza da vida e do amor de Deus por todas as suas criaturas, esse Deus Pai, que nos ama como filhos e que sempre está disposto ao perdão, à misericórdia e a esquecer nossas ofensas.

Esta é, em poucas palavras, a finalidade do Projeto Esperança, que com a graça de Deus tem dado seus primeiros passos formais em nossa diocese de San Bernardo e a partir daqui se estenderá – como vem acontecendo – a outras dioceses e logo a outras nações. É uma maneira moderna e intensa de viver a parábola do Bom Samaritano. Por isso, minhas mãos não têm senão abençoado essa iniciativa, e minhas palavras querem convocar a muitos a parar em seu caminho – talvez tranquilo e sem sobressaltos – para encontrar a Cristo naqueles que têm sofrido o mal mais grave que afeta hoje a homens e mulheres que povoam a terra.

Que Deus nosso Senhor e sua Mãe do céu abençoem esta maravilhosa iniciativa, como relatam os diversos artigos e testemunhos que compõem este livro.

15 de setembro de 2007, Festa de Nossa Senhora das Dores.

Juan Ignacio González Errázuriz

Bispo de San Bernardo

[página 9]

**Somos a semente do dia que se inicia**

## **História do Projeto Esperança**

O Projeto Esperança nasceu no Chile dentro de um grupo Pró-Vida de ajuda a mulheres grávidas em dificuldades, orientado a salvar a vida do bebê a nascer; ele surgiu em consequência da surpresa e da impotência que sentíamos quando aparecia pedindo ajuda uma mulher ou um homem que, até com lágrimas nos olhos, manifestavam a necessidade de saber como superar a dor insuportável de recordar o filho que não estava mais aqui e como conseguir falar desta dor que, muitas vezes, nunca antes haviam compartilhado, apesar dos anos que já tinham realizado o aborto. O nome Projeto Esperança nasceu ao se considerar o impacto que provoca a Síndrome Pós-Aborto em suas vítimas. Nasceu também da preocupação em ajudar a compreender e depois curar ao que sofre em solidão o trauma do aborto, de modo que possa enfrentar essa dor e dar um novo sentido à vida.

Como não havia no Chile nenhuma experiência de atenção pós-aborto, eram necessárias certas condições básicas para iniciar o Projeto. Através de Dan Zeidler, presidente do Family Life Council e representante da Aliança Latino-Americana para a Família (ALAFA) nos Estados Unidos, possuíamos informações da experiência de acompanhamento pós-aborto iniciada por Vicky Thorn em Milwaukee, em 1984, chamada Projeto Raquel, e que havia se espalhado por todas as dioceses do país. É neste projeto que se inspira o Projeto Esperança.

Mas, além disso, era necessário contar com especialistas no tema e com a iluminação dos que conhecem esta dor. Sem dúvida, quem ajudou a abrir o caminho no início foi o Padre Mario Romero, naquele momento Diretor Nacional do Movimento de Schoenstatt, cujas palavras nos guiaram a descobrir o querer de Deus e a ternura da Santíssima Virgem que, do seu pequeno Santuário, preparava uma missão para confortar os corações feridos pela dor do aborto.

Pouco depois, a presença do Dr. Pablo Verdier, psiquiatra uruguaio, especialista internacional da Síndrome Pós-Aborto, tornou-se nosso segundo grande impulsionador. Assim nasceu no Chile, em 1999, a partir de um grupo de profissionais leigos, assessorados e acompanhados por sacerdotes do Movimento Apostólico de Schoenstatt, e à sombra do Santuário de Nossa Senhora Três Vezes Admirável, o Projeto Esperança, cujo nome é um caminho de reconciliação e de perdão ao Encontro do Amor e da Misericórdia de Deus.

Logo se uniu ao nosso esforço o trabalho no México de Mari Carmen Alva, do Instituto de Reabilitação da Mulher que Abortou (IRMA). Com ele, a partir da tradução do texto Post Abortion Syndrome – A Therapy Model for Crisis Intervention, da norte-americana Nola Jones, realizada por Ulrike Baader e M. Elena Kretschmer – cujos conceitos trataram de adaptar para a realidade latino-

americana - , iniciou-se formalmente nosso trabalho no Chile, que consistia num processo de acompanhamento pastoral para mulheres, homens e famílias vítimas do aborto.

Este trabalho é fruto da força de vontade, do esforço e, sem dúvida, da fé absoluta na Divina Providência. Precisamos reconhecer a confiança e a perseverança das pessoas comprometidas com a causa, como Adriana Avendaño, Cecilia Cuevas, María Elena Kretschmer, Ulrike Baader, Raúl Díaz, como também a experiência e os conhecimentos do Dr. Pablo Verdier, do Dr. Alejandro Serani e de Leonardo Bruna, que nos prepararam para começar este trabalho. Neste caminho, também tem sido fundamental a colaboração do Padre Jaime Ochagavía, do Padre Carlos Cox e do Padre Juan Pablo Rovegno, sacerdotes de Schoenstatt.

Sem dúvida alguma, o aborto é umas das mais dramáticas experiências que pode sofrer uma pessoa. O aborto destrói o novo ser formado dentro do ventre da mãe e deixa um profundo vazio na mulher, que manifesta, de maneira dramática, que a maternidade é um processo irreversível que só se cura quando a mãe se reencontra espiritualmente com seu filho.

O Projeto Esperança se preocupa com a segunda vítima do aborto, a mãe. A meta é ajudá-la a aceitar sua dor, reconhecendo a morte do filho – atitude muitas vezes bloqueada pelo mecanismo de defesa da negação –, pois só a partir daí poderá alcançar a reconciliação e a paz. Essa aceitação se conquista com a ajuda de profissionais capacitados, tanto sacerdotes quanto leigos, e através de um enfoque pastoral de acolhida, compreensão e confidencialidade, que busca facilitar o processo de reencontro com o filho.

“Esperança” é também um acompanhamento que se estende aos homens e às famílias que experimentaram a perda de um filho antes de nascer, especialmente por um aborto provocado.

Em 25 de março de 2006, D. Juan Ignacio Gonzalez, bispo de San Bernardo, outorgou personalidade Jurídica Canônica à Corporação Projeto Esperança. O primeiro Conselho Diretor responsável por esta cruzada no Chile foi constituído por Adriana Avendaño, Ulrike Baader, M. Elena Kretschmer, Jorge Reyes e Elizabeth Bunster. Essas pessoas assumiram o trabalho de estender o Projeto não só dentro do país, mas também às outras nações latino-americanas, de modo a resguardar essa região como Continente da Esperança e da Vida, como o chamou São João Paulo II.

Agradecemos especialmente a tantas pessoas que nos têm confiado sua dor, nos permitindo acompanhá-las e compartilhando conosco testemunhos que têm enchido de esperança o coração de muitas outras mulheres, através de palavras como as seguintes:

“Deus Pai..., tu me deste a grande oportunidade de minha vida, poder olhar de frente esta etapa dolorosa que vivi, com um olhar que foi mudando com o decorrer destes meses nos quais passei de uma ansiedade angustiante para

a sonhada tranquilidade, e onde venho trabalhando, pela primeira vez, a ausência de meu filho que não nasceu.

Confio em ti e em tua infinita misericórdia. Sei que estás a meu lado, feliz, porque estava perdida e tu me encontraste, me cercando de novos sentimentos que fazem de mim uma pessoa melhor.”

Há grupos que negam que o aborto traga consequências para a mulher, o homem, ou mesmo para os familiares... Há outros que só recentemente, a partir dos avanços no estudo da Síndrome Pós-Aborto, se abriram à proteção da vida, não somente tendo em vista a vida do nascituro, mas também a vida de sua mãe, que “nunca mais será a mesma”, como disse Vicky Thorn, fundadora do Projeto Raquel.

Tanto antes como após o aborto, a mulher pode sentir ansiedade, medo, culpa e pânico, percebendo as circunstâncias que rodeiam sua gravidez como uma prisão e uma suposta ameaça à sua estabilidade emocional. Esta prisão a faz buscar no aborto uma solução, ainda mais quando o meio lhe sugere que “ela decida” e que a apoiará, qualquer que seja sua decisão. Esta situação é suficiente para que se sinta sozinha e não encontre, naqueles que a rodeiam, o apoio radical para acolher o filho, como se sentiria se escutasse palavras de felicitações ou se lhe fosse oferecida ajuda para seguir adiante com este filho.

Sensação de vazio, ansiedade, solidão, remorso, sentimento de culpa, raiva, dor, um dano profundo em sua autoestima, depressão e até tentativas de suicídio, desajustes nas relações com a família e outras pessoas, são apenas alguns dos sintomas da Síndrome Pós-Aborto na mulher. Uma jovem, que participou nos princípios do Projeto Esperança, conta sua experiência:

“Há um tempo atrás, quando eu pensava em minha vida, eu a dividia em dois: antes e depois do aborto. Antes do aborto, minha vida estava cheia de projetos, cores e sonhos; depois do aborto foi como se uma luz tivesse se apagado e os sonhos e projetos não pudessem mais ser realizados. Sentia que não merecia nada, nem sequer permanecer viva. É como se minha vida tivesse se preenchido de escuridão, desolação e dor, e as palavras amor, felicidade, alegria e família tivessem sido arrancadas de meu vocabulário e de meu coração. Depois do aborto, caí em desespero. Minha vida se transformou em desespero e eu fiz questão, em grande medida, de que assim fosse, pois se alguém quisesse me oferecer seu amor ou sua amizade, eu mesma me afastava dessa pessoa, já que tinha um medo enorme de fazer alguém sofrer e de que me fizessem mal de novo.

Agora, olhando para trás, tudo parece tão distante, como se tivesse passado muito tempo. Na realidade, a possibilidade de contemplar todo meu passado, minha história de vida, de ser capaz de olhar pra trás, eu devo ao Projeto Esperança, uma vez que, em todo tempo que lá estive, pude recuperar muitas coisas importantes para minha vida. Uma delas é crer que nada ocorre por acaso, e que por trás de cada coisa que acontece está a mão de Deus. Ter conhecido o projeto não foi casualidade, foi porque Deus quis que acontecesse.

Porém, no começo foi muito difícil, pois significava pra mim expor o que estava escondido, voltar a abrir a ferida que eu buscava justamente fechar e esquecer.

O Projeto esperança mudou minha vida. Quando comecei a participar, foi tremendamente doloroso, pois vinham à tona medos e inseguranças. Um dos medos era confiar, mostrar-me frágil e com uma dor interior tão grande que eu mal conseguia chorar. Foi exatamente dessa maneira que eu cheguei no primeiro dia da sessão. No entanto, com o passar do tempo, fui pouco a pouco recuperando algo dentro de mim. Foi como se uma luz começasse a se acender e me iluminar por dentro, como se algo começasse a ter vida novamente. E esta vida se chama Felipe. Recuperar meu filho e me sentir pela primeira vez mãe me fizeram voltar a viver por dentro, a recuperar o sentido da vida, o qual tinha perdido com o aborto.”

Eis alguns benefícios que o Projeto Esperança oferece: educação sobre a Síndrome Pós-Aborto; poder determinar quais são os vínculos pessoais do aborto; alcançar a libertação da dor emocional e da raiva reprimida, restaurar as relações estragadas consigo mesmo, com os demais e com Deus; estabelecer uma relação sadia com o filho que não pôde nascer e aprender ferramentas de autoajuda.

Na primeira etapa, é necessário que a pessoa possa contar toda sua história, reconhecer quem era antes da gravidez e então, identificando a dor, que ela assuma o impacto que o aborto teve em sua vida: “Me sinto autora de um crime que não foi julgado nem punido. Mas eu mesma me julgo e me condeno.”

É importante descobrir quais foram as influências que teve para abortar: “Contei à minha mãe sobre minha gravidez e ela me disse que teria que interrompê-la, pois com meus dezoito anos, seria o fim da minha vida, eu não teria futuro.”

“Meu parceiro preparou tudo para o aborto. Disse que um filho atrapalharia nossos planos. Assim que eu fiz o aborto, ele sumiu.”

Também o momento do aborto se vive de maneiras diferentes: “Era como se eu fosse outra pessoa, uma máquina que dizia sim a tudo que pediam. A única coisa que eu queria era que acabasse logo.”

Juntamente com a dor, aparecem a raiva com as pessoas, com Deus e consigo mesma: “Durante o aborto, minha família me acompanhou na consulta com o médico. Depois que voltamos pra casa, ninguém nunca, em todo esse tempo, me perguntou como tenho me sentido. É como se nada tivesse acontecido. Choro sempre escondida e não quero estar com eles.”

O pai de um bebê abortado relatou: “Não fui capaz de impedi-la de fazer o aborto. Fiquei calado por medo de perdê-la e o que perdi foi a possibilidade de ter meu filho em meus braços.”

A dor da mulher é permanente: “Eu prometi a meu filho que o defenderia de todos, e não o cumpri. Fui tão covarde e agora, por mais que eu chore,

ninguém vai devolvê-lo a mim. Sou uma mera espectadora das imagens do passado...já não posso voltar atrás.”

### **A irradiação renovadora do Santuário de Bellavista a outros lugares**

Atualmente, este trabalho de ajuda é realizado no Chile na Diocese de San Bernardo, na Arquidiocese de Santiago, em Coyhaique (XI região), e está iniciando na Arquidiocese de Concepción. Em Santiago, há vários pontos de acolhimento. Além do Santuário de Bellavista em La Florida, encontram-se o Vicariato para a Família do Arcebispado de Santiago, o Vicariato para a Família na Diocese de San Bernardo, a Fundação Casa da Família, a Paróquia San José Benito Cottolengo de Cerrillos e a Unidade da Família da Corporação Municipal de Puente Alto.

Com o apoio da Aliança Latino-americana para a Família (ALAFA) e da Family Life Council, o Projeto tem sido conhecido em outros países da América Latina. Deste modo, através do contato com a ALAFA e do interesse manifestado pelo Sr. Carlos Garcés do Comitê do Laicato do Arcebispado de Guayaquil, iniciou-se em 2004 um processo de sensibilização, motivação e capacitação dirigido a um grupo de pessoas do Equador. Essa capacitação contou com o apoio do Pe. Alfonso Avilés, da Paróquia Santa Teresinha que, a partir do I Congresso Nacional pela Vida e a Família, em março de 2007, foi nomeado capelão em Guayaquil do Projeto Esperança. D. Antonio Arregui, Arcebispo de Guayaquil, reconheceu oficialmente o Projeto como um serviço pastoral da Arquidiocese.

Por outro lado, a experiência chilena apresentada no II Congresso Internacional Pró-Vida do Peru, em novembro de 2005, motivou várias pessoas e, por solicitude de D. Kay Schmalhausen, no início de 2006, na Universidade Católica San Pablo de Arequipa, foram capacitados sessenta e cinco profissionais de diversas disciplinas, provenientes de diversas localidades do Peru. A Universidade nomeou a Sra. Neldy Mendoza coordenadora do Projeto dentro do seu Instituto de Matrimônio e Família em Arequipa. Em 2007, este serviço foi levado para a cidade de Lima, por meio da capacitação de novos voluntários. Muito em breve se realizará uma capacitação na cidade de La Paz, na Bolívia, solicitada pela Comissão da Família do Episcopado desse país. Planeja-se também realizar uma capacitação na América Central, solicitada na Nicarágua, Costa Rica e Honduras.

Podemos dizer que o Projeto Esperança é uma semente do dia que começa, pois estamos convencidos de que estamos resgatando uma pessoa de um abismo de dor e vazio, para conduzi-la a se reencontrar com o Amor e a Misericórdia de Deus, que devolvem a paz à vida. Desse modo, podemos tornar realidade as palavras do Apóstolo da Vida, São João Paulo II, em sua mensagem àquelas mulheres que passaram pela triste experiência do aborto: “Ajudadas pelo conselho e pela proximidade de pessoas amigas, vosso doloroso

testemunho poderá se tornar um dos defensores mais eloquentes do direito de todos pela vida.”

Creemos que o Projeto Esperança materializa essas sábias e acolhedoras palavras, que hoje se projetam nas diretrizes pastorais para toda a Igreja da América Latina e nas diretrizes pastorais do Documento de Aparecida que, em relação a este tema, assinala: “Apoiar e acompanhar pastoralmente e com especial ternura e solidariedade as mulheres que decidiram não abortar, e acolher com misericórdia aquelas que abortaram, para ajudá-las a curar suas graves feridas e convidá-las a ser defensoras da vida. O aborto faz duas vítimas: por certo a criança, mas também a mãe.” (nº 469)

Muitas mulheres, por terem vivido o Projeto Esperança, são agora abertamente partidárias da vida e levam em seus peitos a esperança.

“Creio que “Esperança” é o nome perfeito. Não poderia ser outro, já que constitui uma esperança, um período de reflexão, de encontrar respostas que aliviam a alma, de aceitação, de perdão, de encontro com a parte espiritual que nos vai aproximando do filho não nascido. Durante estes meses, consegui estabelecer um diálogo comigo mesma e com Deus. Cada reunião estava repleta de desafios, muitos tremendamente dolorosos, mas que me permitiram encontrar uma saída para anos e anos de angústia. O olhar de fora, com a companhia de Elizabeth e do Pe. Juan Pablo, me possibilitou passar por cada uma das etapas de tal maneira que saía fortalecida em vez de condenada e, acima de tudo, me ajudou a ir conhecendo, a ir tendo um contato paulatino com meu filho que, mesmo sendo verdade que sempre estivesse em mim, eu não lhe outorgava este lugar. Hoje, ao fazê-lo presente, sinto um descanso, uma alegria e paz interior nunca imaginadas. Me sinto até fisicamente bem e isto é com certeza um reflexo de como me sinto reconfortada espiritualmente. Minhas visitas ao Santuário já se tornaram uma necessidade para mim. Me sinto plena caminhando por seus jardins, conversando com a Mãe, abrindo-lhe meu coração. Sinto que estes meses foram para mim uma experiência de vida, um presente que agradeço a Deus, como lhe agradeço me ter escolhido para me apresentar este Projeto Esperança, por ter conhecido Elizabeth e o padre que generosamente dedicaram seu tempo, sua companhia, suas orações e seu carinho para mim e para meu filho José Pablo. Tudo isto me faz sentir tão agraciada, que posso olhar a vida com outro semblante, com outros olhos que fazem de mim, como eu disse a Deus na carta, uma melhor pessoa, que pode ser oferecida àqueles que estão comigo e, principalmente, concretizar para o meu filho com meu amor todo o tempo que eu tenha de vida. De todo coração, desejo que este Projeto cada vez mais se espalhe, e que mais pessoas generosas se juntem a este acompanhamento que tantas pessoas desconhecem, mas que tanto precisam para viver mais próximas de Deus, de seus filhos e da paz interior que nos faz ser mais felizes.”

Nossa missão é um desafio para estes tempos, de conquistar os corações de muitas famílias para uma renovação no Amor de Deus, e assim infundir esperança para a vida e para o mundo, de modo a estabelecer uma Cultura da

Vida que reconhece o grave mal humano e social que provoca o aborto, “que destrói a própria base da sociedade.” (S. João Paulo II)

Somente na pequenez de seus instrumentos se reconhece a grandeza e a bondade de Deus. Nosso Projeto se torna realidade, se o oferecemos como uma obra para sua Honra e Glória.

À Rainha, a Santíssima Virgem Maria, queremos que, do seu pequeno Santuário se erga um canto de gratidão. Ela é a fonte para superar nossas falhas e o impulso para oferecermos, com a alma incendiada, o caminhar em direção aos altos cumes onde levaremos nosso ideal de fomentar a Cultura da Vida. Nossa confiança está escrita nas palavras do padre e profeta, o Pe. José Kentenich, Fundador de Schoenstatt: “Com Maria, alegres pela esperança, certos da vitória, em direção aos novos tempos.”

Louvido seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Te adoramos, Jesus, que sofreste na Cruz por nós.

Elizabeth Bunster Chacón.

## Meu testemunho

### Relato de uma fundadora do Projeto Esperança

A experiência mais cruel pela qual um ser humano pode passar é o aborto de um filho. O sentimento de culpa, o remorso, a solidão, a amargura e a frustração, a busca de respostas a tantas perguntas e não as encontrar, ou melhor, não querer enfrentá-las. Ter a necessidade de abraçar o filho, de vê-lo crescer, sofrer a dor de não ter um lugar onde lhe deixar uma flor... Isto é o que vivem tantos homens e mulheres que provocaram a morte de um filho. Só o encontro com a fé e, através dela, com a Misericórdia infinita de Deus, viver a cada dia Seu perdão e assim reencontrar de maneira espiritual o filho perdido, é o que dá fortaleza para seguir vivendo com a segurança de que acontecerá o abraço que tanto se anseia.

Decidi escrever este testemunho, pensando na ajuda que pode significar para muitas pessoas que sofrem após terem praticado um aborto, e para os muitos sacerdotes cuja missão é acolher o arrependimento dessas pessoas. Que estas páginas possam oferecer-lhes uma alternativa de ajuda ou, pelo menos, lhes indiquem onde encontrá-la.

Nunca imaginei como o aborto mudaria minha vida, meus projetos e minhas prioridades. Venho de uma família normal de classe média, com uma mãe dedicada ao cuidado de suas três filhas e um pai que trabalhava de forma responsável para o nosso sustento. Se havia dificuldades, estas eram próprias das dificuldades econômicas, mas a superávamos de forma tranquila. De temperamento extrovertido, como a maioria dos adolescentes, cresci participando em atividades fora de casa, primeiro no colégio, depois em grupos jovens políticos e pastorais. Até aquele momento, era responsável com minha vida e meus namoros.

Um pouco antes de completar dezoito anos, conheci aquele que anos depois viria a ser meu esposo. Nossa relação era muito boa, baseada no apoio e respeito mútuos. Eu sonhava em passar para a universidade e ser assistente social. As injustiças, as desigualdades, a falta de apoio aos mais fracos eram minha motivação.

Meus planos não se concretizaram do meu jeito. Acabei passando para Pedagogia Básica na Universidade Católica, num *campus* fora de Santiago. Como não era a carreira que almejava, além de ter que ficar longe de minha família e de meu namorado, meus pais me deram a permissão de trancar a faculdade. Algum tempo depois, comecei a trabalhar e foi então que pela primeira vez entrei em contato com uma mulher que queria abortar. Fui testemunha de como foi fácil pra ela. Bastou apenas uma injeção. Nunca a vi arrependida, muito menos deprimida; ao contrário, só a via feliz.

Dois anos mais tarde, fiquei noiva e no ano seguinte nos casamos. Larguei o trabalho e me dediquei aos cuidados da casa. Nossos projetos não eram diferentes da maioria dos recém-casados: poupar dinheiro para a casa própria e o carro e ter filhos. Quantos? – não mais de dois, dizia meu marido, por conta de sua experiência de muitos irmãos e muitas privações; e por mim, não mais de três, porque éramos três, e eu não achava ruim, pois as privações nunca eram tão terríveis ou difíceis de superar.

Com seis meses de matrimônio, fiquei grávida. A família toda estava feliz, principalmente meus pais, que seriam avós pela primeira vez. Nove meses depois, nasceu nossa primeira filha. Foi um parto muito difícil, que me trouxe sérias complicações psicológicas e de saúde, mas minha filha estava saudável, e isso era tudo que importava. No entanto, por causa desses problemas no parto, decidi não ter mais filhos. Segui então o conselho do médico que me recomendou um dispositivo intrauterino (DIU) para evitar a gravidez.

Quando minha filha tinha apenas cinco meses de vida, fiquei grávida novamente. Senti então o mundo desabando sobre mim. O DIU não funcionou e me aterrorizava a ideia de ter que passar por um novo parto. Com o apoio da minha família e do meu marido, as coisas foram mais fáceis, pois pude me atender numa clínica particular para evitar maior sofrimento... Tudo estava perfeito, porque nasceu um menino. Tínhamos um caszinho, e assim não era necessário pensar em outro filho. Dei graças a Deus pelo meu menino.

Começamos a sonhar e a poupar para comprar nossa casa. Já tínhamos adquirido nosso carro. Meses depois, quando minha filha não tinha ainda completado três anos, nem meu filho dois, engravidei de novo. Fiquei paralisada com a notícia. Me senti culpada de dar outra preocupação ao meu esposo, porque sabia que ele não queria ter três filhos, muito menos naquele momento. O que reforçou ainda mais minha culpa foi a atitude do médico que me disse que por ter engravidado de novo, o fato de ter três partos em três anos consecutivos não faziam bem à saúde de ninguém. Quando contei ao meu esposo, sua reação não foi de apoio nem de rejeição. Só me pediu que fosse a última gravidez, porque senão teríamos dificuldades econômicas. Como não era algo que eu pudesse dar certeza, acabei decidindo que não teria esse filho. Ele permaneceu em silêncio, o que me sinalizou que não queria a gravidez, e me senti ainda mais culpada.

A partir de então, minha vida mudou. Não queria me levantar pelas manhãs, muito menos sair de casa. A única coisa que me fazia sair do lugar era a responsabilidade com meus filhos. Uma amiga minha farmacêutica me arrumou umas injeções, mas não tiveram resultado. Eu imaginava meu filho me pedindo para não o abortar. Tinha discussões com meu marido por qualquer motivo, uma brincadeira mal colocada, o choro de um dos filhos, mas nunca tocávamos no tema. Eu fiz tudo que eu acreditava que deveria fazer para não colocar o peso de um outro filho sobre a família. Meus pais me apoiavam qualquer que fosse minha decisão, pois creio que não sentiam com o direito de opinar.

Tive conhecimento depois de um médico e de uma clínica. Me lembro de cada palavra do médico, cada dia antes do aborto, as coisas que eu sonhava, a atitude distante do meu esposo que me fazia sentir ainda mais culpada de fazê-lo enfrentar uma gravidez que ele não queria ou não sabia como manter.

Me lembro da forma humilhante do tratamento na “clínica”. Sentia que não era eu que passava por isso, era como um pesadelo. Me lembro das cores da sala, do odor de umidade, do cobertor cinza típico dos hospitais. Senti que ninguém se importava comigo, que era apenas um produto e que, como mãe, não valia nada.

Não sei qual o método empregado nem quis saber. Despertei chorando e perguntando pelo meu filho. Uma mulher que estava ao meu lado pediu que eu não chorasse, porque podia ter febre e complicar a situação. Me vesti. Meu esposo foi me buscar. Não falamos quase nada. Lembro que era um dia nublado de maio. Nada mais fazia sentido pra mim. Me sentia suja, um pano de chão. Sentia que me faltava algo, mas fazia questão de me convencer que tinha tomado a decisão correta. Não queria escutar a ninguém que tentava me consolar ou justificar a situação. Eu era a pior das mulheres.

Na minha família, evitava-se o tema. Soube depois que alguns nunca estiveram de acordo, mas não opinaram em respeito à minha decisão. Eles não imaginavam que eu só queria que alguém me dissesse para eu não fazer, que condenava minha atitude e de meu marido. Talvez isso poderia ter mudado a situação. Não culpo a ninguém, porque ninguém foi mais culpado do que eu. Definitivamente, fui eu que me deitei no leito daquela clínica.

O vazio aumentou com o passar dos meses. Comecei a ver fotos de mulheres grávidas, a sonhar com bebês. Me perguntava em que fase estaria meu filho. Pedi a Deus que me castigasse, sentindo todas as dores do parto no dia que ele deveria nascer, nos primeiros dias de janeiro. Sei que Deus me ouviu, porque na noite de 6 de janeiro, num sonho, vivi o pior parto. Quando acordei, sabia que meu filho havia nascido naquele dia. Desde então, sei que todo 6 de janeiro ele estaria fazendo aniversário, talvez agora terminando a faculdade, que nem seus irmãos.

Me afastei da igreja porque, pra buscar justificativas, também culpava a Deus. Por que permitiste que eu engravidasse? Por que permitiste que eu abortasse? Por que no dia em que fui à clínica não fizeste que o carro batesse ou que o médico não aparecesse? Por que permitiste o meu sofrimento e o do meu filho se nos ama tanto? Muitas vezes eu lhe perguntei: Senhor, onde está meu filho? Sofre por minha culpa ou está a teu lado?

Passaram-se talvez uns quatro anos para que eu me desse conta de que o sentimento de culpa que carregava dentro de mim, o peso da consciência e a necessidade de preencher esse vazio que meu filho tinha deixado, me impediam de viver e me preocupar com meus outros filhos como eles necessitavam. Levei quatro anos pra conseguir me aproximar de um sacerdote para me confessar. Quando tomei coragem, me impactou sua acolhida e não

pude conter as lágrimas. Pensava que não merecia ser perdoada e que deveria pagar pelo meu crime, pagar pela morte de meu filho, mas, por outro lado, queria ser consolada. Nunca me esquecerei das palavras do sacerdote. Através dele, senti o perdão de Deus, mas naquele momento o perdão não me bastava. Como me perdoaria a mim mesma? Como saberia que meu filho havia me perdoado? Como meu filho saberia o quanto eu precisava dele ou o quanto eu estava arrependida?

Cinco anos depois, uma nova gravidez me trouxe muita alegria e me deu a sensação de estar devolvendo a vida ao meu filho. Mas eu o perdi em poucas semanas. Senti então que Deus me castigara e que não merecia outro filho. Essa foi minha última oportunidade, porque uns tumores no útero acabaram logo com qualquer possibilidade de gravidez assim que completei meus trinta e dois anos. Como poderia ter a certeza de que havia me perdoado se me fazia sofrer novamente? Encontrar essa resposta foi um longo processo que, no meu caso, levou anos, pois a Síndrome Pós-Aborto não era ainda muito conhecida.

Como penitência, o sacerdote tinha me pedido que eu trabalhasse para defender os bebês que estavam por nascer, e assim evitar que outra mulher sofresse o que eu sofria e, deste modo, converteria minha dor e experiência tão negativa em algo positivo, por assim dizer. Voltei ao meu lar com uma missão, sem saber por onde começar.

Alguns meses depois, vi na televisão um anúncio que difundia o trabalho de uma instituição de ajuda às mães em risco de aborto, e pensei que essa seria a maneira de começar a pagar minha dívida. Porque senti isso, fui até lá e ofereci minha ajuda. Deste modo, conheci um jovem casal, Elizabeth e Raul, que seria muito importante em meu processo até o dia de hoje. Com a ajuda deles, assumi a tarefa da prevenção do aborto através de palestras que proferiria a jovens e adultos.

Comecei a me preparar para um tema tão controvertido e que poucos querem enfrentar. Em muitas ocasiões, ao final das palestras, vinham até nós mulheres em pranto que tinham abortado seus filhos. Todas contavam histórias diferentes. Em muitos casos, nem sequer suas famílias sabiam o que haviam feito, e só podiam chorar de noite ou em silêncio, para que ninguém soubesse. Outras mulheres temiam a rejeição dos maridos se estes soubessem o que haviam feito antes de os conhecer, e essa vergonha era cada vez pior. Era uma luta solitária. Ao escutar essas mulheres, sabíamos que havíamos aberto uma ferida profunda e não teríamos como acompanhá-las em seu caminho. Pude comprovar assim que minhas lembranças, minhas angústias, o sentimento de vazio e de culpa, a tentativa de buscar uma forma de reparar o dano eram sentimentos comuns a todas as mulheres nesta situação. É uma dor espiritual, uma dor da alma, não por causa do método empregado nem pela circunstância que tenham levado ao aborto, mas sim pela necessidade do filho, de senti-lo, de tocá-lo.

Elizabeth teve a oportunidade de viajar para os Estados Unidos, onde conheceu o Projeto Raquel, que consiste em seminários de cura pós-aborto.

Dessa viagem, ela me trouxe uma fita cassete com uma Missa pelos filhos abortados. Consegui que um sacerdote a escutasse, assim como outras pessoas a quem o tema interessava. Durante a Missa, o sacerdote nos convidou a dar um nome ao nosso filho. Foi uma missa maravilhosa. Através desse mesmo sacerdote, percebi que eles conhecem muito pouco o tema do aborto, ou então não sabem como enfrentá-lo. Enquanto isso, eu me encaminhava para a cura espiritual de que tanto precisava e, junto com a Elizabeth, mergulhávamos cada vez mais na Síndrome Pós-Aborto.

Embora o sentimento de dor, vazio, culpa e arrependimento por ter matado um filho por meio de um aborto seja o mesmo em todas as mulheres do mundo, algumas profissionais nos ajudaram a adequar à nossa realidade o manual de atendimento trazido do Estados Unidos. Assim ia nascendo o Projeto Esperança.

Naquele tempo, conheci um psiquiatra uruguaio muito qualificado no tema, pois tinha estudado sobre o assunto durante anos. Com sua ajuda, pude compreender meus processos e a necessidade de superá-los.

Já faz muitos anos, tive que assumir minha vida sozinha com meus filhos. Meu esposo tomou um rumo diferente da família. Os motivos? Muitos, mas não posso ignorar que um deles é a sequela do aborto. Enquanto eu necessitava falar de minha dor, ele evitava. Para ele, era passado; para mim, cada dia mais presente. Compreendi por que há tanta falta de caridade, tanto ódio, tanta violência no mundo. Quanto da realidade do aborto não estará presente na vida daqueles que se refugiam na violência, nas drogas, no álcool ou nas relações promíscuas, tentando apagar esse fato de suas vidas! Graças a Deus, não tomei parte desta violência, porque tive a capacidade de reverter a situação, de transformar o mal em bem e fazer justiça à morte do meu filho. O mais próximo que cheguei da violência foi escrever uma carta ao médico que realizou o aborto, para lhe mostrar o mal que me tinha feito. Essa violência também me acomete às vezes em discussões com mulheres partidárias do aborto, que querem provar que ele não causa nenhum dano e que a Síndrome Pós-Aborto não existe.

Hoje encaro a vida de outra maneira. Sei que existe um amanhã que me permitirá reencontrar-me com meu filho. Tenho uma missão aonde quer que eu vá, um apostolado. Meus filhos já estão crescidos, são profissionais e já conhecem a verdade. Não foi fácil. Há alguns anos, quis trazer à minha casa uma imagem de Nossa Senhora da Visitação que peregrinava pelo Chile por causa da defesa da vida, em especial pelos nascituros. Então, me entreguei a Ela para que, como mãe, me desse coragem para contar aos meus filhos o segredo que eu guardava dentro de mim. Sentia que com meu silêncio eu os estava traindo, e eles não mereciam isso. Não se passaram nem duas semanas, e a ajuda da Virgem se revelou através de um sonho que meu filho teve, num dia **6 de janeiro**.

Ele acordou angustiado, me pedindo que o contasse se eu tinha um segredo, porque no seu sonho viu que minhas mãos se queimavam e eu não lhes permitia que apagassem o fogo, pois eu lhes dizia que era um problema só

meu. Naquele alvoroço, minha filha também acordou e fez a mesma pergunta do irmão. Me senti encurralada, mas me lembrei do que tinha pedido à Virgem e, daquele modo, meus filhos tomaram conhecimento da verdade: que tiveram um irmão. Sinto também que puderam entender esta mãe tão obcecada com o tema do aborto. Nos abraçamos. Conteí para eles que naquele dia o irmão deles estaria completando dezenove anos... Eles me disseram que agora me admiravam ainda mais. Logo depois, meu filho me abraçou e me disse ao pé do ouvido: “Mamãe, descansa destes dezenove anos. Agora nós estamos contigo!” E eu sinto isso mesmo. Eles são meu maior apoio, embora não saibam que às vezes, quando lhes chamo a atenção por algo que não estou de acordo, sinto que poderiam pensar que não tenho o direito de lhes dizer nada, porque os privei de um irmão com quem poderiam estar brincando ou brigando, ou participando das reuniões familiares.

Sei que minha experiência não mudou só a minha vida, mas também de minha família e dos amigos que me rodeiam e apoiam em cada tarefa que empreendo, porque entendem minha prioridade. Como meu filho conseguiu relacionar seu sonho com meu segredo? Mais uma vez, compreendi que não estava sozinha.

Hoje trabalho dando palestras através de uma ONG Pró-Vida, e passo parte do dia no computador, respondendo e-mails e ajudando mulheres que querem abortar ou que abortaram, não importa de que país elas sejam, porque a angústia não tem idioma, cultura ou distância.

Nunca me cansarei de repetir que o aborto não se justifica em nenhum caso. Não morre só um bebê inocente, morre também uma parte importante da mulher, do pai e da família desse bebê. O Projeto Esperança não pode restaurar a vida de um filho, mas pode devolver a seus pais a vontade de viver. De sentir o filho presente e de servir a Deus nesta triste experiência que marca nossas vidas para sempre. O Projeto nos devolve a Esperança no reencontro com nossos filhos que agora têm um nome. Meu filho se chama Moisés.

### **Testemunho de uma acompanhante**

Uma pessoa se aproxima da porta. Percebo que vem cabisbaixa, seu olhar é triste. Acelero o passo e saio em seu encontro. “Você é a Miriam?”, pergunto, tratando de olhar esses olhos esquivos que não desejam fitar os meus. “Sim”, me responde uma voz suave, nervosa, que sai do fundo da alma, como pedindo permissão. “Eu sou Maria Elena, estava te esperando”, falo para ela. Seus olhos se fixam nos meus e começam a tremer. Abro meus braços para que ela possa descansar. Sinto o peso de sua agonia, de sua vergonha, o longo caminhar-peregrinar que realizou para chegar a compartilhar o que está em seu coração. “Entra. Você está em casa”. E seu olhar se torna doce-triste, e as feições de seu rosto ficam relaxadas.

Esse primeiro encontro de alguma forma antecipa o que será o acompanhamento. Desde aquele instante, andaremos lado a lado. Estaremos juntas, conversando da dor da partida do filho, do aborto, de seus sonhos de adolescente e como eles foram interrompidos por este ponto que marcou um antes e um depois em sua vida, de seus pesadelos à noite e de sua busca incansável de paz a cada amanhecer de um novo dia. Seremos caminhantes em busca da luz. Podemos parar à beira do caminho para tomar fôlego e beber da fonte, ou caminhar a passos largos se a luz penetra e nos permite ver por onde o Senhor quer que avancemos. Miriam caminhará à minha frente. Eu porei meus pés junto aos seus e eu poderei sinalizar um traçado, mas é ela quem tem que decidir se o segue ou não. Eu acompanho.

Quando comecei a viver a experiência de acompanhar, não tinha clareza de como fazê-lo. Tinha apenas certas luzes que confirmavam minha sensação de que Deus me pedia pôr meus pés ao lado de uma mulher ou de um homem que sofria pela perda de um filho abortado. Estas luzes eram a capacidade de perceber sua dor, o sentimento da profundidade da Misericórdia de Deus, a certeza do sentido da vida tanto do filho abortado como da pessoa que vinha pedir ajuda, e o dom da maternidade que o Senhor lhe tinha concedido. Meus grandes professores no acompanhamento foram as pessoas acompanhadas. Cada uma delas me ensinou algo novo, tanto sobre a dor, como sobre o consolo e a esperança. Cada uma delas é um mistério de amor que se aproxima de minha vida para me dizer que minha existência tem sentido se posso caminhar com os outros, pelos outros e para os outros, seguindo as pegadas de Seu Filho Jesus na sua cruz, morte e ressurreição. Todas estas etapas da vida do Senhor estão presentes no Projeto Esperança.

Um dos fatos que mais mexem comigo ao iniciar a experiência do acompanhamento é constatar a forte influência dos pais na decisão dos jovens de abortar. Cada vez que as mulheres relatam suas histórias de vida antes do aborto, a presença do pai ou da mãe aparece por vezes, como um elemento importante na decisão, seja porque a pessoa afetada (a acompanhada) não se

sente plenamente amada por eles, ou porque experimenta um amor condicionado a certas conquistas que devam alcançar para lhes agradar e satisfazer as suas necessidades em relação a seus filhos.

Em geral, diante de uma gravidez imprevista, surge o dilema de como contar aos pais. Para muitas/os, essa ideia lhes paralisa, entram em pânico e não conseguem raciocinar. Certo dia, cheguei em casa e disse a meus quatro filhos que precisava lhes contar algo. Surpreendidos pela urgência da mamãe, eles me escutaram dizer a cada um deles como era o amor que tinha por eles e o que eles significavam para mim. Falei o que cada um tinha me ensinado e o reflexo de Deus que cada um trouxe para nosso lar. Falei que meu amor era incondicional, e que não teriam que ter mérito para eu os amar, eu simplesmente os amava. E fui dizendo que, se alguma vez em suas vidas fizerem algo grave, que não tivessem medo de me contar. Como pais, poderíamos ficar chateados de primeira, mas sempre estaríamos disponíveis a ajudá-los. Foi um momento familiar que ficou na lembrança de todos como uma intervenção de Deus em nossas vidas. Atualmente três deles são pais, e posso contemplar como amam seus filhos.

Outro fato que me impacta é o sentido de vida do bebê que não conseguiu ver a luz do dia. Cada um desses filhos tem algo a dizer a seus pais. Nesta caminhada, as mães e os pais vão descobrindo o sentido da vida do filho e a mensagem de amor que deixam para suas próprias vidas, e porque não dizer, para que eles a entreguem aos demais. Quando os pais descobrem esta mensagem, suas vidas se transformam e entram a luz e a esperança. Testemunhar esse momento é um privilégio vindo de Deus. Assim como experimentar que essas vidas têm algo a dizer a todos nós. Eles, os bebês, fazem seu trabalho silencioso no céu, e podemos recorrer a eles nos momentos difíceis para que intercedam a Deus Pai para que nos ajude. Eles não querem que os esqueçamos, têm toda a disponibilidade para nos ajudar que tenhamos alegria, paz e vida.

Durante estes últimos anos, tivemos situações de muita dor, uma delas a enfermidade de um de meus filhos que correu risco de vida. Nestes momentos, tenho pedido especialmente para que estes bebês conversem com Jesus e com a Virgem para nos ajudar. Sei que eles fazem isso e, pessoalmente, me reconfortam e me acompanham em meu caminhar.

Sou grata a todas as Miriams que vieram até minha porta.

Sou grata a todos os pais que me deixaram acompanhar em suas dores e me ensinaram como os homens sofrem.

Sou grata a todos os familiares das segundas vítimas do aborto, que me permitiram acompanhar os processos familiares que envolvem seus dramas.

Sou grata à Virgem, que vai caminhando maternalmente entre mim e a Miriam. Ela é quem nos dá de beber da fonte de água viva: seu Filho Jesus.

M. Elena Kretschmer C.

### **Ao iniciar o Projeto Esperança**

Sou uma mãe que quer sentir o perdão de Deus. Esse é o meu testemunho.

Neste tempo em que estou participando deste seminário, tenho experimentado o acompanhamento de uma pessoa muito boa. E tenho aprendido que o mais importante é não deixar nada guardado no coração.

Muitas vezes, sinto desejo de abandonar o seminário. Não tem sido fácil. Tenho encontrado muitas barreiras. Isto é, tenho recordado episódios de minha vida que em algum momento acreditei que estavam esquecidos.

Quando descobri através de alguns amigos o Rosário dos Não Nascidos, percebi que ainda não estava curada. Ao rezá-lo, comecei a recordar o episódio da minha vida que teria supostamente esquecido, mas não tinha esquecido! Me dei conta de que nestes dez anos muitas coisas aconteceram e muitas circunstâncias me têm levado a recordar o que eu fiz.

Estou certa de que todos temos um chamado, ou seja, Deus quis que eu ficasse totalmente curada da decisão que eu tomei há dez anos para me ajudar a ser uma pessoa melhor, e para que eu pudesse ajudar e acompanhar as mulheres que se encontram em sofrimento.

Em muitos momentos, me senti só. Sentia que ninguém podia me entender, porque não tinham vivido o mesmo, mas tive a graça de conhecer umas mães que passaram por isso e decidiram trabalhar e ajudar a quem teve que tomar aquela decisão.

Meu coração está curado. Eu sinto isso. Teve momentos, durante o seminário, em que pensei que essa chaga não iria parar de sangrar, em que tive que recordar tempos muito difíceis. Mas posso assegurar que vale a pena. Não devemos ter medo de enfrentar nossas misérias. Deus, em sua infinita Misericórdia, nos acolhe e perdoa.

Fico a pensar o que seria de mim se não tivesse encontrado essas pessoas. Este encontro ocorreu no momento que Deus quis. Era o meu momento. Estou convencida de que todos temos um momento especial. Quando demonstro a Deus que quero realmente ser curada em meu espírito, neste momento Ele começa a trabalhar a minha cura. Foi assim quando tomei a decisão de perdoar a mim mesma. Sinto que devo exortar as mães que por acaso não reconhecem o que fizeram, ou que guardam bem escondidinho em seus corações e não querem reconhecer que necessitam de uma verdadeira cura.

Devemos ficar totalmente curadas. É tempo de perdão. E então se tornar um instrumento de Deus para ajudar outras mulheres a superarem a dor que vem após o aborto.

Uma mãe de Guayaquil, Ecuador.

## **Carta para minha mãe**

Mãe, nestes dias, tenho pensado muito em meus sentimentos em relação a você e a sua participação no aborto. Me dei conta, com muita dor, de uma coisa que antes nunca me permiti pensar: talvez se você tivesse me apoiado ou pelo menos sugerido a possibilidade de ter este filho, talvez teriam despertado em mim sentimentos, esperanças e caminhos que não conseguia enxergar naqueles momentos. Por que, mãe, você não fez isso e deixou que eu carregasse todas essas culpas e medos por todos estes anos? Hoje vou vivendo com mais clareza aquilo que por tanto tempo estava tão escuro.

Agora olho para trás e me recordo de tantas respostas grosseiras que eu te dei, ou então aquela raiva contida por coisas insignificantes, ou mesmo os comentários ofensivos que você costumava fazer a respeito de qualquer tema e que a mim faziam tão mal. O fato de não recorrer a você como um refúgio caloroso quando a vergonha se apodera de mim e não te buscar como amiga e confidente foi provavelmente uma forma de demonstrar o quanto eu precisei naquela vez para me dar o conselho correto, o abraço oportuno e esperançoso que também eu neguei a você. É assim que vamos cultivando uma relação fria em relação aos afetos, com poucas carícias, beijos tíbios ao nos saudarmos e, acima de tudo, me sinto contaminada por seu mau humor. Você está insuportável, mãe!

Sempre quis ser diferente, cúmplice com meus filhos, e me pego fazendo o mesmo que você, até mesmo querendo tomar com minha filha a mesma decisão que você tomou por mim há mais de vinte anos, e fazê-la viver o mesmo que eu vivi, a dolorosa experiência do aborto.

Mas não posso deixar de te amar. Você já está envelhecendo, e sua postura tantas vezes altiva já vai se desvanecendo. Você está frágil e precisa até da minha mão para caminhar mais segura. Sinto que prefere ficar em minha casa. Você fica em paz e tranquila ao meu lado. Mãe, eu te amo e te perdoo.

Ao longo dos meses em que tenho participado do Projeto Esperança, vou ficando menos rancorosa, mais relaxada perto de você. Se antes sentia a sua presença como uma imposição, hoje me alegro em estar com você. O tempo passa tão rápido, mãe, e devemos aproveitá-lo. O bebê da minha filha já vai nascer e quero que você possa curtir essa criança. Talvez esse pequenino traga para você o perdão pelo que fizemos anos atrás, aquela cumplicidade horrenda que tivemos poderá hoje ser revertida através da alegria do seu bisneto.

Mãe, que tranquilidade sinto de não experimentar rancor por você. Me sinto normal e tranquila, e vejo que você compartilha da minha dor de mãe pelos sofrimentos de minha filha. Eu percebo isso com muita gratidão.

Mãe, continuo precisando de você nesta nova etapa que começamos a viver como família. Só peço agora a Deus por você, para que você possa se

aproximar dele, não com o olhar de insatisfação que você geralmente tem pelas coisas que nos acontecem, mas aceitando confiante que você está nas mãos dele, e que tudo que nos ocorre tem um propósito.

No domingo passado, minha filha perguntou por que você não comungava na Missa, e eu disse que você não se confessava há muitos anos, mas que ainda não tinha chegado o momento. Creio que já chegou o momento de pedir perdão e se sentir perdoada. É tão gratificante para a alma estar em paz, viver de uma maneira menos superficial, Mãe, ainda dá tempo. Você seria tão feliz se conseguisse isso.

Te amo muito e não tenho coragem de falar isso na sua frente...

### **Não é fácil escrever esta carta**

Não é fácil escrever esta carta. É verdade que vivi todo o processo de cura e que consegui curar minhas feridas e dar outro sentido à minha dor. É difícil pra mim recordar como era antes de que tudo aconteceu. Tenho hoje vinte e seis anos e é complicado lembrar e me conectar comigo há dez anos atrás. Sinto que era uma adolescente normal cursando o primeiro ano do Ensino Médio e estava num mundo novo para mim. Pela primeira vez tinha mudado da escola que ficava na frente de casa, e era toda uma experiência de sair de perto dos meus pais, ter novos amigos, novos sonhos, aspirações e grandes projetos.

E foi quando eu também comecei a namorar. O pai de meu filho foi o segundo namorado que tive e que pensava que seria pra sempre. Tinha quinze anos e ele vinte quando começamos a sair. Eu o amava e acreditava que ele também me amava. Mas com o passar do tempo, me dei conta que não era bem assim. Já estávamos juntos havia um ano quando soube que estava grávida. Eu estava chateada com meu namorado e quando contei da gravidez, ele simplesmente respondeu que o filho que eu esperava não era dele. Aquilo partiu meu coração. Faltavam três meses para completar dezesseis anos, e senti que minha vida tinha acabado. Não sabia o que fazer. A única certeza era que esperava um filho. De noite, às escondidas, conversava com meu filho e contava histórias assim como meu pai fazia quando eu era pequena. Era difícil, já que por um lado estava feliz por estar grávida e, por outro, sentia que minha vida se desmoronava, com meus sonhos e projetos.

Passou muito pouco tempo entre o dia que soube da gravidez e o dia que meus pais descobriram. Assim que soube da gravidez, sabia que teria que me cuidar. Marquei uma consulta no médico e foi assim que minha mãe descobriu o que estava acontecendo. Ela me levou ao médico para comprovar então de que estava efetivamente grávida e que tinha um pouco mais de um mês. A partir daí tudo se deu muito rápido. Quando meu pai e meu irmão souberam, ficaram contra mim, pararam de falar comigo e começaram a decidir as coisas por mim. Eu não sabia o que fazer. Eles me comunicaram que o aborto era a grande opção que estavam me concedendo e a única ajuda que me dariam. Logicamente faziam as típicas perguntas que tanto me angustiavam: O que você vai fazer com um filho na sua idade? Não poderá continuar os estudos, vai ter que trabalhar, etc. Era assim que eles justificavam o aborto como a única opção, não havia outra.

Minha mãe tinha sido mãe solteira e me dizia que não queria que eu sofresse o que ela tinha passado, mas não parou pra pensar no mal terrível que me estava fazendo. Não pensou, e quando chegou o dia fatídico, tudo já estava combinado. A mim só me avisaram do dia e da hora que teria que me encontrar com minha mãe. Minha família havia se preocupado com tudo. Não me lembro

de muita coisa. Tenho vagas lembranças de como estava vestida, da enfermeira loira e gorda que fez o aborto e de que minha mãe foi minha acompanhante.

Quando chegamos ao lugar, só pedia a Deus que acontecesse alguma coisa, que o pai de meu filho viesse nos resgatar, que algo impedisse o aborto. Mas nada disso aconteceu, nada disso. Só me diziam o que eu tinha que fazer e eu comecei a chorar e suplicava pra minha mãe me tirar dali, que por favor fôssemos embora. Eu a via chorar do meu lado, mas não fez nada. Quando isso tudo passou e a enfermeira me anestesiou, não senti dor física, mas senti sim que junto com meu filho estavam me arrancando a vida. Senti que essa menina inocente, com sonhos e projetos, com vontade de viver, estava morrendo também. Quando tudo terminou, a única coisa que eu queria era morrer. Naquele dia eu caí num buraco escuro e profundo e não mais vivia, comecei a sobreviver.

Não entendia por que Deus permitiu que eu passasse por tudo aquilo, e comecei a crer que era porque eu era má, e vivi dessa forma por muitos anos. Cada coisa boa que me acontecia, eu mesma me encarregava de afastá-la, porque não a merecia. Deixei de crer no amor e qualquer coisa boa que chegava perto de mim, me encarregava de me afastar dela o mais rápido possível. De uma maneira ou outra, tentava esquecer o acontecido, como se nunca tivesse ocorrido, mas era impossível. Muitas vezes, ficava chorando sem saber por quê, e por mais que tentasse negá-lo, meus piores pesadelos tratavam de me fazer recordar.

Vivi assim por muitos anos, travando essa luta interna. Quando conheci um homem por quem comecei a me apaixonar e no qual eu podia confiar, também tentei me afastar dele e negar o que estava sentindo. Junto a esse homem, Deus voltou a estar presente em minha vida e, por essas ocasiões da vida que não creio que sejam coincidência, mas sim um milagre, escutei pela primeira vez o que era e que existia o Projeto Esperança. Não posso mentir e dizer que foi algo mágico, que o medo e a dor desapareceram. Não. Já estava tão acostumada a viver assim que tinha pânico de olhar para dentro de mim. Reconhecer mais uma vez a dor, senti-la de novo, me aterrorizava, e foi com esse medo que comecei um longo processo de cura, mas agora de dentro para fora. Reconhecer a dor e não a esconder, mas sim reconhecer que, apesar da morte, meu filho tinha um lugar, não comigo, mas com Deus, e reencontrar-me com ele e com Deus, não um Deus que castiga, mas que cura, que perdoa e que ensina a perdoar. Algo dentro de mim reviveu e comecei a me sentir como a ave fênix. Senti que renascia das cinzas, não como antes, como aquela menina de dezesseis anos, mas como uma mulher de vinte e dois, com um filho que tem um nome e um lugar dentro do meu coração, o Felipe. Este era o nome que pensava em dar para ele quando nascesse, mas como não nasceu fisicamente, não pude fazê-lo. E este nome também permanecia oculto e guardado em meu coração. Mas ao experimentar o processo de cura e compreender o grande mistério de amor que Deus tem e saber que meu filho está vivo junto a Ele, eu finalmente pude lhe dar o nome e me sentir pela primeira vez MÃE. Poder reconhecer isso foi o que me ajudou a ficar curada.

Ao recapitular agora tudo o que vivi no Projeto, pude perceber o quanto tem significado para mim tudo o que me tem ajudado a curar minhas feridas e a recuperar o mais importante que uma pessoa tem na vida: a esperança de viver, de crer, de sonhar, de amar e se sentir amada, tanto por mim mesma, pelos demais, por meu filho e pelo próprio Deus.

[página 43]

## **Ó, Deus Santo**

Ó, Deus Santo, Jesus, Senhor.

Tua mão me tocou.

Me amaste a mim, um pecador.

Tua graça me salvou.

Tua graça recebi, doçura e luz.

Eu nunca mereci tanto amor.

Minha vida renasceu, se iluminou.

Da sombra passei à luz.

O poder restaurador destas palavras me levou a compreender que existia um Pai e que, através deste canto, deveria compreender o que me estava dizendo: que Ele havia sempre estado a meu lado, me acompanhando na tristeza permanente que experimentei durante quinze anos, e que era possível ver a luz depois de tanto tempo escondida nas trevas.

Aos dezenove anos, abortei meu primeiro filho, que hoje traz o nome de Juan Andrés. A dor que isto me causou foi a experiência mais traumática que uma mulher pode passar, porque não temos consciência no momento de tomar uma decisão tão drástica de que o que ocorre é o assassinato do nosso próprio filho com nossas mãos, mãos que se supõe estão para protegê-lo, defendê-lo, as mãos de sua mãe. Ou seja, o que mal sabemos é que junto com esse bebê também nós morremos.

A lembrança deste filho nos acompanhará a vida toda. Tive muita depressão durante esses quinze anos. A vida não tinha sentido, apesar de que durante esse tempo me casei, tive dois filhos e consegui formar uma linda família. Mas continuava a me faltar “algo”. Me sentia sem valor, mesmo quando meu esposo buscava me fazer sentir importante. Me isolava, me desagradava ter que me relacionar com as outras pessoas, as festas de fim de ano me causavam ainda mais dor, especialmente o Natal.

Um fato não menos importante que gostaria de destacar neste testemunho é que eu não professava nenhuma religião (diferente do meu esposo e filhos, pois meu marido é católico e meus filhos estudam num colégio católico) até o momento muito especial que marcou um antes e um depois em minha vida. Aconteceu que quando minha filha menor estava para receber Cristo pela primeira vez no sacramento da Comunhão, senti que não era digna de

acompanhá-la. Resolvi revelar isso a um sacerdote, “contar minha história de dor.” Ele imediatamente me acolheu. Esta foi a primeira vez, em quinze anos, que contava meu segredo.

Como não tinha recebido nenhum sacramento, aceitei ser batizada no dia anterior à Primeira Comunhão de minha filha, depois que o sacerdote me fez compreender que existe um Pai que me ama e que sempre me amou; que este pai era capaz de me perdoar, mas que eu deveria me perdoar primeiro; e que a partir de meu Batismo, eu me apresentava diante de Deus sem nenhum pecado. Este foi o momento que fez a diferença. Logo veio minha Primeira Comunhão com Cristo, que me permitiu sentir sua presença em mim. Foi realmente maravilhoso. Meu coração saltava de alegria. Como eu escrevi no início, o canto de perdão que escutei calou em minha alma, e até hoje em dia continua a me emocionar.

Desde aquele momento, começou o meu caminhar com o sacerdote que soube ver minha dor de mãe e que se comprometeu a me ajudar a encontrar minha cura completa. Por oito meses nos reunimos todas as semanas para que eu pudesse escutar a palavra reconciliadora de Deus Pai, conhecesse o amor misericordioso que dá a todo que queira recebê-lo, e aprendesse a segui-lo, porque é nele que encontramos a paz interior, onde chegamos a compreender que Ele paga nossas ingratidões com amor, que esquece, que perdoa, que apaga todo pecado e volta a crer em nós. Que maravilha! É verdade? Por isso devemos perguntar: Quem mais nos ama assim? Quem sabe mais de nós do que Ele que nos criou? Na verdade, é maravilhoso sentir a presença daquele que nos conduz e conforta.

Já se passaram sete anos daquela bela experiência e recuperei a alegria de viver. Fui encontrando sentido a tudo que fazia e me converti em uma apaixonada pela vida e por tudo aquilo que me rodeava. Vivo em uma região privilegiada pela natureza, por isso não me canso de dar graças a Deus por tão bela criação. Gosto de me refugiar nos bosques, escutar o som da água, das aves. Até meus sentidos se despertaram.

Porém, sentia a necessidade de me perguntar: Que faço agora? Creio que os fatos que parecem nos roubar o sentido da vida, têm muitas vezes a ver com o sofrimento e com a morte, mas o que não chegamos a compreender é que desses fatos nasce o sublime desafio de ressurgir, de ressuscitar para uma nova vida. Desde então, surgiu em mim a necessidade urgente de ajudar a quem poderia estar passando por uma experiência parecida com a minha. Mas minha necessidade não nasce do “ter que fazer”, mas surge do “querer” e do “sentir”. Para isso estava sendo chamada, e através da minha experiência, compreendi que tinha um propósito a cumprir, e isso tem sido meu apostolado.

Conheci o Projeto Esperança tempos depois de me ter recuperado. Saber que existe uma instituição onde só se encontra acolhida é consolador para todas as mulheres que não tiveram a oportunidade que tive de conhecer esse sacerdote que logo depois foi nomeado Bispo de uma cidade ao sul do nosso país, e de quem, por isso, tive que me separar. Mas, conforme suas palavras, eu

já podia seguir caminhando com o Senhor e, por isso, sua missão comigo tinha acabado.

Hoje felizmente faço parte desta Associação ajudando com toda minha experiência, e que é pra mim meu tesouro mais precioso. É dela que tiro as forças para defender a vida que ainda está por nascer, assim como acompanhar aquelas mulheres que passaram pela experiência do aborto, tornando-me simplesmente um instrumento de escuta de que tanto se necessita nos momentos de tanta dor.

Não queria finalizar este testemunho sem compartilhar uma imensa alegria que carrego em meu coração de depois de dezessete anos ter sido agraciada pelo Senhor e pelo seu Santo Espírito de me conceder meu quarto filhinho, que tem confirmado que o Senhor fez em mim maravilhas. Me emociona ser protagonista de tantos milagres, pelo que não me canso de dizer: Obrigada, Senhor!

[página 47]

## **“A”, de aborto**

### **Testemunho de um homem**

Conheci uma integrante do M.A.V.<sup>1</sup>  
no trabalho horroroso de balconista  
que tive neste verão.

Conversamos.  
Vi umas fotos e uns folhetos  
que ela me mostrou.

A fotografia de uns pés  
do tamanho de minhas unhas  
era de um bebê abortado  
aos três meses de gestação.

Apesar de que pra mim já era tarde,  
trago essas fotos e essa conversa  
todos os dias até hoje.

Eu abortei. Matei meu filho de um mês  
em 17 de maio de 1985.  
Um filho gerado com amor  
por um homem e uma mulher  
que ainda hoje se amam  
mas vivem incompletos.

Não importam os motivos

---

<sup>1</sup> M.A.V. Movimento Anônimo pela Vida

por que tomei esta decisão.  
Eu ainda choro o meu filho  
e não sei a qual lixão ir para visitá-lo.

Talvez não deva sair de casa,  
e já baste depositar umas  
flores no lixão da minha consciência.

Deveria ter ousado ser pai.  
Devo agora me arrepender  
com “A” de aborto;  
hoje nada posso fazer;  
só pedir a Deus  
e ao meu filho que me perdoem.

## **Me apaixonei**

Me apaixonei. Nunca havia experimentado uma sensação assim. Tinha apenas dezessete anos, não tinha muitos amigos e nunca tinha namorado. Naquela época, mudei de escola e aí se abriu para mim um mundo todo novo onde eu o conheci. Ele tinha uma personalidade forte e na realidade era uma pessoa bem polêmica.

No dia em que eu engravidei, acreditava realmente que deveria me entregar a ele por completo, e se chegava então um bebê, melhor ainda, porque eu o amava demais.

Mas ao saber que estava esperando um bebê, não fui capaz de enfrentar. Todas as lembranças de ser filha de uma mãe solteira e adolescente vieram a mim. A lembrança de ver minha mãe sofrendo e chorando por meu pai, por não ter recebido nem apoio nem carinho, foi algo que me fez pensar e acreditar que este bebê não deveria nascer, por minha causa, por ele, mas, acima de tudo, por causa de minha mãe.

Minha mãe sempre me dizia que queria algo diferente para mim, que eu não sofresse o que ela sofreu, que eu fosse mais longe na vida do que ela e que ninguém me apontasse o dedo, como fizeram com ela. Todas essas coisas me fizeram pensar que deveria abortar. Bem, na realidade tudo se confirmou quando eu lhe dei a notícia e notei um sinal de alívio ao lhe dizer que não se preocupasse, que eu iria abortar.

Fomos juntas à clínica. Ela me deixou ali com aquele que era o meu namorado, e foi embora. Depois da “operação”, sei que despertei chorando. Nunca pensei que faria algo assim. Fomos juntos à casa de seus pais, e depois eles me deixaram em casa. Nunca mais o vi. Se afastou porque, segundo me contaram, não suportava o peso da consciência, e me ver para ele só significava dor. Foi assim que o perdi... Me sentia mais sozinha do que nunca. Minha mãe não voltou a tocar no tema e tive que começar a refazer minha vida de sempre, enquanto em meu corpo ainda sentia as dores do aborto, as quais, pra ser sincera, ainda sinto em algumas circunstâncias.

Sempre achei que meu filho é um menino e que tem nome, um nome que escolhi assim que soube que estava grávida, e assim que me dei conta quando seria seu nascimento, passei a comemorar seu aniversário. Mas percebi que essa prática não me fazia bem, e era melhor eu esquecer do que se passou e pensar que nunca fui mãe.

Ao final daquele ano, Deus, que eu pensava que tinha esquecido de mim e que faria pagar por minhas culpas, me mandou um presente: naquele verão conheci aquele que seria meu marido.

Comecei uma nova relação, mas sem a inocência, nem o entusiasmo, nem a alegria que traz um novo amor. Tratei de iniciar os estudos (devo dizer que sempre fui uma boa aluna), mas naquela época levei dois anos para retomar minha carreira.

A vida seguiu seu caminho. Olhando de fora, diria que nada me faltava. Terminei os estudos e depois me casei. Meu marido tinha um bom emprego, ou seja, dinheiro não era problema e, mais ainda, ele estava apaixonado por mim. Mas eu era muito infeliz. Sempre duvidei de meu amor por ele. Não conseguia esquecer meu primeiro namorado, e o pior, sonhava continuamente com ele, sentia que a vida me tratava injustamente, não estava contente comigo mesma e as coisas “ruins” que, segundo eu, aconteciam comigo, eram porque eu não era uma pessoa suficientemente inteligente ou, sei lá, “bonita”, etc. Era muita insegura comigo mesma. Resultado: meu marido, que se esforçava extremamente para me ver feliz, ficou com depressão e absolutamente sobrecarregado. Ele não podia me fazer feliz, muito pelo contrário, e já não queria ficar comigo, mas com alguém que se importasse com ele e que sentisse que seus esforços davam resultado.

Durante esta crise matrimonial, descobri que meus problemas de infelicidade tinham uma causa e que era a dor pela perda de meu filho, e foi assim que me indicaram o Projeto Esperança, que fui procurar sem muita vontade. Mas, como não queria perder minha família, e tinha uma filha recém-nascida que eu queria que crescesse junto ao pai, entrei em contato.

Nos reunimos num lugar maravilhoso, porém, para minha surpresa, tratava-se basicamente de um acompanhamento pastoral. “Como assim pastoral, se o que eu fiz está totalmente fora do que diz a igreja?”, foi a primeira coisa que eu pensei. Me explicaram que a igreja sempre ajuda especialmente os que se sentem mal, e que minha vida nunca iria estar tranquila se eu não reconhecesse nem tratasse minha dor, pois eu estava me prejudicando por dentro.

Voltei a respirar. Me ajudaram a me reencontrar com meu filho. Embora eu tivesse uma filha, eu não me sentia uma mãe, isto é, para mim a maternidade não era real ou estava escondida. Depois da minha passagem pelo Projeto Esperança, me sinto uma mãe, e não somente de minha filha, mas dos dois filhos: uma está aqui, o outro me acompanha em meu coração e me vê lá do céu, porque está nos braços de Deus.

O processo no Projeto Esperança não é muito fácil e é lento. É preciso se reencontrar consigo mesmo, recordar aqueles momentos difíceis e buscar compreendê-los, perdoar-se a si mesmo e aos envolvidos, tirar toda a raiva que carregamos dentro de nós, olhar para ela, entendê-la e esquecê-la. Por isso, é um respirar aliviado. Quando se está cheia de dor e raiva, você se sente sufocada por dentro, com o coração apertado, e esta dor e raiva saem de maneiras equivocadas, e em geral, a pessoa se prejudica a si mesma de várias maneiras.

Entendi que meus sonhos com meu antigo namorado correspondem a um vínculo falso que criei em relação ao filho perdido, e seu pai é o elo mais próximo ao bebê.

Com a minha história, o que eu quero lhes dizer é que são muitas as razões pelas quais alguém toma a decisão de abortar, mas que nada o justifica e uma vez realizado, não há retorno. É uma das experiências mais danosas que uma mulher pode passar. Alguém pode pensar que o aborto pode ser a solução a um suposto problema, mas, na realidade, é só o início de uma explosão de dor, raiva e rancor. As mulheres somos as mais questionadas por isso: nos sentimos estigmatizadas como mulheres cruéis, pois ninguém deve ser capaz de matar seu próprio filho. Todas essas sensações, toda essa dor, em primeiro lugar, você precisa reconhecer e aceitar que o aborto não solucionou a sua vida, pelo contrário, você se sente ainda mais triste do que antes. Mas você pode encontrar a solução. Existe este Projeto onde vão te escutar e você vai se reencontrar com você mesma e com seu filho. Você se perdoará e ainda poderá voltar a amar.

Muito, mas muito obrigada mesmo!

## **Sou uma mulher que abortou em duas oportunidades**

Sou uma mulher que abortou em duas oportunidades, com mais ou menos um ano de diferença. Como é difícil dizer isso. Na primeira vez, eu tinha vinte anos e meu parceiro, mesmo estando feliz com a gravidez, não foi capaz de assumir e obedeceu aos seus pais. Quanto a mim, minha mãe decidiu por mim e foi mais cômodo. O que eu sofri antes de contar pra minha mãe foi horrível. Me senti só e desprotegida. Pensei muitas coisas, que iriam me expulsar de casa, que iriam me xingar, que eu não iria aguentar, que não poderia continuar meus estudos e meu futuro seria péssimo, enfim, que não poderia sustentar meu filho. Por isso, acatei sua decisão.

Minha mãe contatou um médico dono de uma maternidade, que a apoiou para que eu não mantivesse a gravidez, dizendo que eu era muito jovem e que não sabia o que eu queria. Foi assim que ela arranhou tudo, desde o dia e a hora da minha internação, os detalhes da minha chegada à maternidade, até a desculpa que daríamos a meu pai por não estar em casa naquele fim de semana. Eu não sabia o que estava fazendo nem o que estava por vir.

Tudo foi muito rápido. Fiquei num quarto sozinha o fim de semana todo. As únicas visitas foram minha mãe e meu namorado. Quando acordei, fui muito maltratada pelo anestesista que soube o que tinha acontecido.

Na segunda vez que abortei, foi mais fácil e mais rápido, mas não mesmo angustiante. Já tínhamos encontrado alguém para fazer o aborto, mas foi pior que a primeira vez. Foi tudo rápido e emergencial. Pedi que me anestesiassem porque não queria sentir nada e tinha muito medo, mesmo sendo as duas pessoas ali médicas. Acordei quando tudo tinha terminado. Meu namorado estava do lado de fora me esperando. Saí com dor física, mas, não posso negar, com o problema resolvido. O que não quer dizer que não me sentia péssima em minha alma. Agora teria que esconder isso de todos.

Os anos seguintes foram muito tristes. Me sentia perdida num buraco profundo e escuro. Minha vida se transformou e, daquela jovem alegre e sempre feliz que eu era, passei a ostentar uma seriedade que nunca me havia dado conta. Me tornei agressiva e intolerante. Me afastei completamente da igreja e de Deus. Buscava me esconder dele. Sentia que não era merecedora de nada de bom, muito menos seu perdão.

E assim minha vida se transformou numa tremenda solidão. Sentia constantemente dores de cabeça insuportáveis e em alguns momentos do ano me vinha ainda mais forte a lembrança do que eu tinha feito.

Me casei, mas com o passar dos anos, meu matrimônio se perdeu. Já não queria intimidade com ele. No final, tudo desmoronou sem eu perceber, ou

melhor, sem que eu me sentisse capaz de fazer alguma coisa para impedir. Pensava até que eu merecia.

Os anos seguintes foram ainda mais tristes. Nunca imaginei que passaria por isso nem que seria tão sombrio e doloroso. A lembrança de meus filhos mortos pelas minhas mãos e pela falta de ajuda e compreensão, não deixava de me assombrar. Tocar no tema era impossível, pois resolvi enterrá-lo num caixão dentro da minha consciência, mas meus crimes horrendos sempre reapareciam e não conseguia mais evitar, porém não tinha consciência de que a causa dos meus males era o aborto.

Em todo esse tempo, mantive uma péssima relação com minha mãe. Tinha raiva dela e não sabia por quê. Para mim era doloroso não estar com ela, mas também não suportava a sua presença. Isso me preocupava demais.

Aos trinta e nove anos, Deus me estendeu a mão. A mim! A esta tremenda pecadora! E assim cheguei ao Projeto Esperança, uma organização que eu desconhecia, mas que me possibilitou deixar de viver com essa tristeza e dores de cabeça, deixar pra trás meu pranto e mudar para uma vida diferente, de perdão e reconciliação. Foi assim que realizei o processo completo, com muitas lágrimas, mas que deu significado a essa vida que vivo hoje.

Agora sou uma nova pessoa, com vontade de viver, de fazer grandes coisas. Dentre elas, tenho me dedicado a acompanhar pessoas que passaram pela experiência do aborto e que viveram o mesmo processo que tive, dando a elas acolhimento e compreensão que só uma pessoa que passou por essa dor pode ter.

Eu me capacitei para este belo projeto e agora agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de dar um sentido tão nobre à minha existência e, da mesma maneira, dar vida aos meus dois filhos queridos.

Uma mamãe

## **Sou uma mulher que fez um aborto há dez anos**

### **Testemunho do Equador**

Sou uma mulher que fez um aborto há dez anos. As circunstâncias e os tempo me fizeram “esquecer”. Muitas vezes se crê que se esquece. Não é verdade. Os sentimentos de uma mãe estão sempre presentes. Pode ser que estejam adormecidos. Nos planos de Deus, nada acontece por acaso. Esta é minha história.

Meu esposo, meu filho e eu decidimos fazer uma viagem de férias à Serra do nosso lindo país. Planejamos tudo. Naquele tempo éramos católicos mornos. Essa é a verdade. Conceber um filho não estava em nossos planos, pois tinha pensado em terminar a faculdade e muitos outros projetos. O problema é que estava com catapora, pois essa doença tem um período de incubação. Quando descobri, estragou a viagem. Passei muito mal. Tomei medicamentos muito fortes e tivemos que antecipar nosso retorno. Uma pessoa não pode ter tudo planejado. Os planos de Deus são muito diferentes do que planejamos.

No nosso retorno, me senti muito mal. Deveria menstruar uma semana depois. Atrasou, eu pensei, por conta dos medicamentos que tive de ingerir.

Mais uma semana se passou e nada... Fiz então o teste de gravidez. Estava grávida. Sem saber, tinha concebido meu segundo filho (Rafael). Foi uma notícia inesperada.

Naquele tempo, não tínhamos um confessor, isto é, um guia espiritual que nos aconselhasse. O que fizemos foi consultar nossos médicos de confiança. Eles me disseram que eu não poderia trazer ao mundo essa criatura. Chamavam o meu bebê de “produto”. Recordo bem esta palavra. Me levaram às suas bibliotecas. Pude observar como poderia nascer meu bebê. Era muito possível que morresse ao nascer. Minha vida corria perigo, diziam. Me pediram que eu pensasse, que eu teria outros filhos, que ninguém iria tomar conta desta criatura enferma, que não teríamos os meios econômicos para enfrentar o que nos esperava...

Ficamos tão impressionados que decidimos não ter o bebê. E eu abortei. Não sabia que estava cometendo o pior erro da minha vida.

Por que não encontrei as pessoas adequadas? Deus não me deu uma luz. Os médicos não me davam outra solução do que o famoso “aborto terapêutico”, que, em outras palavras, é um aborto disfarçado.

Um mês após aquele horror, meu pai ficou em estado grave e eu me lembrei do aborto. Liguei uma coisa à outra e fiquei muito mal. Achei que era um castigo. Era um peso muito grande para mim. Minha mente e meu coração estavam sofrendo muito. Um mês depois, caí numa terrível depressão. A vida não tinha sentido, achava que era uma mãe ruim, comecei a me fechar em meu

problema e, pouco a pouco, me isolei do mundo. Chorava porque não podia voltar atrás... Já estava feito.

Quase perco meu matrimônio. Tivemos uma separação. Não me sentia compreendida, minha personalidade mudou. Antes era uma mulher muito alegre, adorava organizar as reuniões familiares. Minha vida tinha mudado.

Meses depois, recorri a um psiquiatra, porque não conseguia dormir. Foi, como se diz, um paliativo e, como durante algum tempo conseguia dormir, achei que tinha esquecido. Quando se quer esquecer um fato, se tenta apagar da mente, mas não é possível. Permanece aí, adormecido no subconsciente. Foi isso que me aconteceu.

Me afastei da Igreja, mas finalmente, me aproximei do confessor, e fui absolvida. No entanto, havia algo em meu coração que não melhorava, e começou então minha busca de Deus. Encontrei grupos de oração, participei de grupos de família do Movimento Mariano, sempre com a esperança de encontrar um caminho que me levasse a Deus.

A partir do aborto, minha vida tinha mudado. Queria esquecer, e aí comecei a me encher de atividades. Queria evitar o tema. Me inscrevi em cursos de Apologética. Tinha muita vontade de conhecer bem a Bíblia e, acima de tudo, me encher de Deus. E sempre esteve a meu lado! Ele nunca nos deixa!

Meu esposo e eu íamos crescendo em nossa fé e em nosso compromisso com Deus e com a Virgem Maria. Conheci pessoas muito importantes que marcaram minha vida. Agora eu entendo! Deus manda as pessoas certas no momento em que mais se necessita.

Dentre essas pessoas, conhecemos um pequeno grupo que tinha feito uma peregrinação e eles me trouxeram um terço muito especial, o Rosário dos Não Nascidos. Foi a resposta à minha busca de tantos anos. Quando segurei aquele terço nas mãos, lembrei-me do meu aborto e senti que era o momento de rezar pela alma de meu filho, que não sabia onde estava, e pelos bebês não nascidos. Esta foi outra resposta às perguntas anos antes não encontrara. Tudo está nos planos de Deus. Aprendi a rezar o Rosário Meditado. (Que lindo quando uma pessoa reza com amor!)

No entanto, tive que passar por anos muito duros para compreender que não havia me perdoado apesar de ter me confessado. E não me confessei só uma vez. Foram várias vezes e com padres diferentes. Mas em meu coração sentia que não havia me perdoado.

Meu caso era muito difícil, porque eu tinha concebido meu bebê com uma doença muito arriscada para uma mãe. Uma das piores doenças para uma mulher em seu período de gestação. O bebê poderia ter nascido com muitíssimos problemas. Poderia ter nascido sem um órgão, poderia ser paralítico, ter sérios problemas no coração. Realmente, a situação era muito traumática e, naquele tempo, não estava preparada para enfrentar esta

responsabilidade. O que mais me dói é não ter estado junto a Deus e à Virgem Maria. Tive que carregar essa dor por muito tempo em silêncio.

Uma grande amiga minha ficou grávida e eu senti que o seu filho poderia ser o meu filho. Eu ficava olhando a sua barriga. Ela, uma mulher com mais de quarenta anos, e este era seu oitavo filho, e tão tranquila com sua gravidez. Naquele momento, me lembrei de minha história de dez anos atrás. Pensei na valentia daquela mulher. Cheguei pra ela e sugeri um nome para o bebê. Disse que era um nome lindo e me perguntou se eu queria ser a madrinha.

Sua gravidez estava bem. Até o momento que houve uma complicação e o bebê nasceu dois meses antes do esperado. Me senti tão mal. Me perguntava por que não poderia nascer aquela criatura que, com tanto amor, sentia que podia ser meu filho. Ele foi batizado assim que nasceu. Não pude assistir ao batismo, porque estava na praia, e me recordava constantemente o que tinha vivido dez anos antes... Pensava que o bebê não iria sobreviver... Me culpava por não poder estar presente com ele nesses momentos difíceis...

Quando voltei e soube que estava melhor, tomei coragem e fui visitá-lo. Agora penso que Deus permitiu tudo isso para me abrir os olhos. Tinha que encarar o que tinha feito há dez anos atrás. Foram dias muito difíceis. Eu estava fugindo da realidade, e pensava que se meu filho tivesse nascido, teria sofrido muito. Me chamaram e disseram que o bebê estava muito mal. Disseram que parecia estar *crucificado* com tantos tubos. Senti muita dor no meu coração.

Neste mesmo mês, conheci uma pessoa muito especial que veio ao meu país para um Congresso Pró-Vida. Deus é tão grande e misericordioso que a pôs em meu caminho. Desde o dia em que a conheci, me dei conta que deveria me perdoar. E, graças à sua ternura e dedicação, conheci o Projeto Esperança e me entreguei a Deus.

Iniciei o Seminário de Perdão e minha vida começou a ter outro sentido. Aceitei que não havia me perdoado. Me custou muito no início. O importante é que dei o primeiro passo. O mais importante é reconhecer o erro e tratar de corrigi-lo.

Todos esses anos estava nesta busca. Não me sentia absolvida com o perdão dado na Confissão. Sentia que deveria encontrar algo para me sentir totalmente curada: o perdão a mim mesma.

Tinha muitos temores. Não aguentava ver uma mulher grávida. E quando via uma criancinha com algum problema ou deficiência mental ou física, me sentia péssima e as recordações voltavam à mente.

No princípio, tive que escrever umas cartas. Foi difícil recordar. Tinha tentado apagar da minha mente todos os momentos por que passei quando decidi abortar. Mas em meu coração e em minha alma havia muitas lembranças. Quando cheguei à etapa do seminário "Deus me deu uma Luz" (Onde está meu bebê?), e li algumas passagens da Bíblia, tive a certeza que Jesus me perdoava. Eu é que não me perdoava!

Então, me entreguei por completo a Jesus e a Maria. Percebi que eles estavam respondendo a todas as minhas indagações. Tinha que me perdoar. É o mais difícil para uma mãe.

Tive que me refugiar na oração. Recorri muito aos sacramentos. Precisava de muita fortaleza para seguir adiante com este trabalho que me havia sido proposto.

Tive uma amiga maravilhosa que me acompanhou em todos os momentos que tive que trazer à mente as memórias. Ela soube me acolher com muito carinho. Quando minha amiga me acolhia, sentia que havia uma pessoa que me compreendia na minha dor e, por sua vez, me ajudava a seguir adiante. Nunca me deixou só. Este era o pior dos meus temores: a solidão de tantos anos, não me sentir compreendida. Ela me guiou neste caminhar. Me ensinou a recordar meu passado. E, o mais importante, fez tudo isso com a disposição de encontrar o meu filho e de que ele nasceria agora em meu coração.

Este é o maior presente que Deus me deu: compreender que meu filho é meu centro, ou seja, esse motorzinho de que eu tanto precisava para seguir a vida de outra maneira. Nestes momentos. Me sinto mais forte e com a convicção de que Rafaelito vive em mim. E, sobretudo, me perdoou com um perdão de coração. Deus é tão misericordioso que nos dá sempre a oportunidade de mudar o rumo de nossas vidas se nós o permitirmos.

Eu, como uma mãe que sofreu tanto esta perda, aconselho a outras mães que tomaram a decisão de abortar que sejam corajosas e participem deste seminário.

A vida é outra a partir do perdão. Sou grata à pessoa que tanto me ajudou! Agora me sinto mais forte e com vontade de reparar tudo isso, ajudando a outras pessoas que passaram por essa dor terrível.

Meu filho vive em meu coração, e me ajuda muito nesta escolha que me foi feita: meu apostolado, que consiste em ajudar às pessoas que infelizmente tiveram que passar por este momento tão doloroso que é o aborto.

Com este seminário, vim a compreender muitas coisas que não compreendia. Descubri o imenso amor que Deus tem por mim, e sei que meu filho está com Ele. Agora está nos braços de Deus e vivendo em meu coração. Esta é minha força para seguir em frente.

Uma mãe

[página 63]

**Deus entrou em minha vida  
e trouxe com Ele o meu filho**

Deus entrou em minha vida e trouxe com Ele o meu filho. Depois de doze anos posso viver e sorrir sem culpa, com uma tranquilidade que às vezes me assusta, pois sei que virá o dia em que o abraçarei. O projeto Esperança me trouxe a paz perdida, a vontade de viver e fazer coisas. No princípio, não sabia como eles poderiam me ajudar, mas quem me atendeu e me ouviu sabia o que eu sentia e isso me deu confiança de saber que não estava sozinha. Não me esqueço a morte de meu bebê e sei que, mesmo que não esteja presente, serei sempre sua mãe. Senti seu nome em meu coração e foi este que eu dei: Catalina. Hoje eu sei realmente o que é um aborto e que, assim como a minha filha, são muitos os bebês que morrem injustamente.

Edith

### **Participar do Projeto Esperança - Testemunho de um jovem**

Participar do Projeto Esperança foi para mim uma grande ajuda. Tive a oportunidade de ingressar sem saber realmente do que se tratava. No começo, considerava um castigo, por ter sido conduzido a ele pela Promotoria, mas à medida que o tempo passava, me dei conta que era um presente.

É incrível como eu não tinha ideia do que estava passando comigo depois do aborto, nem mesmo as consequências que poderiam me acarretar, ou melhor, que já estavam me acarretando, os sentimentos que eu tinha abafado, as culpas, os ódios, a insegurança, o medo que eu escondia sem me dar conta.

Esse seminário de trabalho pessoal foi um processo e uma experiência muito importantes que me ajudaram a ter uma percepção mais positiva da vida. Para mim, significou reconhecer que tenho uma filha, o que também dá significado à minha vida. Significou melhorar minha vida pessoal, com minha filha e minha namorada. Significou compreender por que fiz aquilo, entender a mim mesmo, me perdoar e, além disso, entender que foi um grande equívoco, o qual jamais voltaria a cometer. Só quem já tenha passado por esse processo de apoio pode afirmar isso com tanta segurança. Significou valorizar mais minha vida e a dos demais. Me ajudou a abrir meus pensamentos e a me colocar no lugar dos outros. Finalmente, e o mais importante: sei que tenho uma filha chamada Estefanía, e penso nela com amargura, mas também com felicidade.

Para mim, algo que jamais esquecerei foi um processo chamado “o perdão”, onde, obviamente, apareceu todo o rancor que eu tinha pela minha família, meus amigos, minha namorada e inclusive por mim mesmo. Com este processo de cura, pude me libertar de minhas raivas, e isto me ajudou muito a prosseguir com minha vida.

O aborto foi uma experiência que, sem eu perceber, mudou minha personalidade e a maneira que eu reagia diante das situações, e me fez sentir coisas que não sabia por que estava sentindo. O Projeto Esperança me ajudou a identificá-las.

Para mim o Projeto tem o objetivo de ajudar as pessoas. Alguns pensam que não precisam, mas quando você está dentro, percebe como vale a pena, que o que aconteceu não pode ser esquecido e que é preciso aprender a viver sabendo que você tem um filho, e que precisa reconhecê-lo e que caminhar sozinho é muito complicado.

Ainda que pareça estranho, é um Projeto dedicado a você, não para ajudar as outras pessoas. De maneira nenhuma é um castigo ou uma maneira de pagar pelos seus pecados, mas sim um grande e belo presente que lhe concedem essas pessoas cujo único interesse é fazer a Vontade de Deus e ajudar a você se recuperar para, então, viver uma vida melhor no futuro.

Um papai

[página 67]

### **Carta ao editor**

Não é fácil viver a sua vida toda com um peso tão grande que, às vezes, você não consegue pensar em mais nada. Não é fácil viver a sua vida toda sentindo que tem um segredo escondido. Não é fácil sentir que você cometeu um crime e que anda por aí solta e se escondendo pela vida. Não é fácil duvidar que você seja uma pessoa mais próxima, que você seja uma mulher. Não é fácil se sentir seca, apodrecida e morta por dentro. Não é fácil crer que você não está capacitada para amar. Não é fácil pensar que você não deveria estar aqui, ou que a vida não foi feita para você, ou que você não deveria ter sentimentos, ou que está proibida de amar. Não é fácil pensar que não se pode chegar a ser o que toda mulher é, ou seja, ser uma mãe.

Quando alguém passa por uma experiência tão traumática como o aborto, algo de si mesmo morre. O problema é que esse algo é maior do que se imagina, e esse algo não só morre em você, mas em todos que te cercam.

Vítima de um aborto em recuperação  
e aprendendo a ser mãe.

30 anos.

## **Uma criança vive em mim**

São muitos os caminhos que levam uma mulher a optar pelo aborto. Esses caminhos surgem muito fechados, escuros... No começo, não há uma luz, uma palavra amiga, uma esperança... Porém, essa decisão pesará por toda a vida, Dia após dia, esse momento retorna, nos oprimindo como uma realidade cruel.

Como voltar atrás para fazer a coisa certa? Como ter esta clareza, quando se é praticamente uma menina, para não carregar, até o fim de sua vida, este peso imenso do rosto nunca visto, do sorriso transparente do filho que não nasceu?

Hoje, depois de transcorridos anos do dia em que não soube escolher a opção correta, peço às mulheres que paremos para refletir, que sejamos capazes de esperar com o coração uns instantes antes de optar por algo tão terrível e definitivo. Que demos a nós mesmas esta oportunidade. Ainda há tempo para pensar nestas pequenas vidas que fazem parte de nós e que poderiam preencher a tantos momentos de saudade, de culpa, de raiva com alegria, paz interior e a plenitude que nós todas merecemos.

Deus nos dá a vida. Nós não podemos decidir por Ele. Somos tão imperfeitas, mas ainda há tempo para que este filho realmente viva em tantas mulheres que estão tão sozinhas em caminhos escuros e sem saída. Há outras alternativas. A vida mesmo nos mostrará caminhos novos e luminosos; talvez junto com o parceiro, ou então sozinha com o bebê ou, por que não, entregá-lo à adoção para que outra família possa ter a alegria de um filho. As alternativas estão aí, mas não conseguimos enxergá-las.

Uma criança vive em mim. Não conheço seu rosto. Nunca o vi sorrir, chorar, falar mamãe, brincar... Vocês ainda podem sentir, amar, curtir o que eu nunca consegui... Por falta de coragem. Por não ter sido capaz de dizer não, e por ter antecipado as coisas em minha vida.

Comecei minha vida sexual tão cedo que acabei perdendo minha juventude. Poderia ter desfrutado de tantas coisas, mas não me permiti. Minhas amigas aproveitavam sua juventude, e eu já tinha vivido tanta coisa, trazia sobre mim a experiência dolorosa do aborto que, como uma sombra negra, tem me acompanhado por todos esses anos. Quantos sentimentos de raiva e de dor se tornaram parte de minha existência por não ter sido capaz de defender essa vida que por tão pouco tempo cresceu em mim.

Raiva pela covardia, por não ter enfrentado com coragem minha gravidez, por ter falhado com Deus e com minhas crenças, com meus pais e os valores ensinados em minha infância. Raiva pela minha falta de clareza e esperança,

por não ter encontrado caminhos, nem buscado pessoas que pudessem ter me orientado de outra forma. Creio que isso tudo me fez uma mulher insegura, dependente, com pouco valor aos meus olhos. Se muitos tiveram participação no aborto, eu fui, sem dúvida, com meus dezessete anos, a principal culpada. Culpa que tenho carregado por tanto tempo, tantas noites em que volto a viver o pesadelo daquele dia, o medo do castigo e a falta de perdão que eu experimentei.

Raiva por nunca ter conhecido o rosto deste meu filho inocente.

### **Testemunho de vida nova**

Me pediram para falar sobre o Projeto Esperança e como ele mudou minha vida. Antes de conhecê-lo, vivia numa constante angústia, numa saudade deste filho que não nasceu e com uma culpa enorme.

Era tão menina quando isso aconteceu. Apenas dezessete anos. Já se passaram trinta anos e, após ter feito uma revisão (que durou quase um ano) dos momentos vividos, dos sentimentos experimentados, dos medos, das pessoas que estiveram ao meu lado, dos lugares e até mesmo dos aromas... encontrei o perdão tão sonhado, senti-o de verdade e isto preencheu de paz meu coração.

Este perdão me fez capaz de me aproximar de Deus de um jeito novo, contemplando novamente seus olhos e experimentando-o como um pai amoroso e não como esse ser castigador que acompanhou meus anos de juventude.

Cheguei ao Santuário de Schoenstatt para ficar. Fui atraída de uma maneira forte, simples e sutil, como só a Mãe sabe fazê-lo. E aqui encontrei esta luz do acompanhamento para mulheres como eu. Chama-se Projeto Esperança. Não poderia ter nome melhor já que tudo se transforma nesta esperança que tanto buscamos, nós que vivemos a terrível experiência do aborto. Aqui me encontrei rodeada de uma tranquilidade que me permitiu ir abrindo o coração, deixando exposto tudo o que minha alma buscava há tantos anos.

Eu reencontrei, ou melhor, conheci o meu filho pela primeira vez. Pude imaginar seu rosto, dedicar-lhe meu tempo, sem medo, sem culpas, buscando seu perdão de anjinho. Pude embalá-lo nos braços em minha mente, lhe dar um nome e um lugar em minha casa e em meu coração.

Toda a etapa de acompanhamento e dedicação que Elizabeth teve comigo, eu não teria como recompensá-la. Ela me ajudou a descobrir que eu ainda podia me sentir uma boa pessoa e que, apesar da coisa terrível que eu fiz, Deus tem sempre uma mão generosa estendida para mim, para perdoar, acolher e consolar, para me amar e mostrar que meu filho está num lugar junto dele, que ama tanto seus filhos, só esperando que eu chegue e o abrace.

Ele se chama José Pablo. Eu lhe dei esse nome. Agora posso dizer seu nome em minhas orações, em meus pensamentos e em meu coração.

Ter passado pelo Projeto Esperança fez de mim definitivamente uma pessoa melhor, mais feliz, mais disposta também a aceitar, perdoar, confiar. Através desta experiência, pude também me encontrar com Deus na Comunhão. Antes não me sentia merecedora de tanta honra. Hoje, a cada domingo, me encontro com Ele, e esta relação íntima me enriquece, me fortalece, me faz tão bem.

O Santuário foi o local físico que me acolheu, me deu calma, me tranquilizou. Passear pelos seus jardins me permite refletir, conversar com Deus e com a Mãe, rezar, conectar-me com este bom Pai, com meu filho, e sentir-me também parte de uma comunidade, de uma família que me olha com carinho, que me proporciona um sorriso amoroso sem mesmo me conhecer.

Também esta experiência me permitiu trazer minha família ao Santuário e participar destes encontros todos os domingos.

Obrigada, mil vezes obrigada, meu Deus, por ter escolhido a mim, pecadora como sou, para me conceder uma experiência maravilhosa de vida nova, uma oportunidade de começar de novo aos quarenta e seis anos, terminando uma etapa de minha vida que estava repleta de dor, culpa e sem sentido, para transformá-la numa existência renovada e positiva, onde a presença do meu primeiro filho me tem preenchido e me tem feito ser uma mãe melhor para meus outros filhos, seus irmãos.

Hoje posso dizer a outras mulheres que, como eu, se encontram atormentadas no caminho doloroso do aborto, que haverá sempre um consolo, um perdão do Pai que tanto nos ama, um alívio, um encontro amoroso com o filho e com a fé que estava perdida, se existe verdadeiramente dentro de nós arrependimento e se buscamos o perdão de todo o coração.

### **Testemunhos do Peru**

“A quantidade de casos dramáticos que tenho encontrado nas terapias em meu consultório, demonstra que há uma grande necessidade deste serviço. Espero que estes centros (sedes) se espalhem rapidamente para levar adiante este acompanhamento. Creio que o Projeto Esperança é uma bênção.”

José Gómez

Médico

Tacna, Peru.

“Meu Pai, pensei que tudo estava perdido e que estava condenada à desgraça, às lágrimas e à dor. Pude sentir novamente teu amor e tua proteção. Pude saber que escutas o que eu te peço e que me amas, ainda que eu tenha errado e matado um filho teu. Agora te peço que me ajudes a salvar a muitos.”

Carmen (23)

Puno, Peru

“Não é fácil aceitar que uma decisão apressada prejudica sua família e a mulher que você ama. Temos caminhando num caminho de dores, angústias e lutas há muito tempo, mas, graças a Deus, há pessoas tão boas que têm compartilhado de seu tempo e amor para que possamos regressar ao Pai e sermos um casal que poderá lidar com a tristeza por uma outra perspectiva. Conhecemos a Misericórdia de Deus e nos comprometemos a defender a vida.”

Luis (56)

Arequipa, Peru

“Meu filhinho, nunca te levei em meus braços e isso me consumia todos os dias. Saber que eu te matei era uma dor que me matava também, mas o que mais me aterrorizava é que não estivesses no céu, pois não te batizei. Entretanto, agora sei que estás com Jesus e esperas que eu possa emendar meu erro aqui na terra, e possamos estar juntos na eternidade, graças ao Projeto Esperança.

Katty (37)

Arequipa, Peru

“Hoje estava me lembrando do mal que vivi, se isso pode se chamar de vida. Quanta dor e quanta violência. Meus pobres filhinhos, quanto já lhes maltratei! É porque toda a raiva e rancor não haviam saído de mim. Hoje já coloquei tudo pra fora e me inundei em tua Misericórdia, meu Deus. Quero viver em ti para poder reparar todo mal que os meus sofreram por minha causa.”

Elena (48)

Arequipa, Peru

“Pensei que não terminaria minha faculdade. Estava sempre alcoolizado e ela tentou se suicidar. A culpa era enorme e todo mundo me fazia recordar. Cheguei a pensar que iria parar na prisão. Por um milagre, me deram este telefone e, desde aquele dia, estou respirando melhor. Creio que nunca me deixastes, Deus. Te peço perdão porque falhei. Porém serei agora o teu melhor soldado, e muitos bebês serão salvos.”

(21)

Arequipa, Peru

Todos temos um grande desejo de felicidade, e essa busca incessante muitas vezes gera em nós inquietação, enquanto não a encontramos e a identificamos como verdadeira.

Eu não sou exceção. Desde que me formei, eu me questionava como responder a este chamado, se às vezes sentia estremecer meu coração ao ver a situação do mundo.

Sou uma mulher casada e uma enfermeira que por muito tempo sonhava em conciliar o trabalho e a fé. Deus me mostrou seu amor infinito e misericordioso, dando vida ao meu ventre estéril em duas oportunidades, inclusive com a pressão por um aborto terapêutico. Sou mãe de duas lindas filhas.

Quando me convocaram para criar um Centro de Reconciliação Pós-Aborto, disse: “Agora, meu Deus, é agora e está é tua voz, esta é tua missão.” Quanto Amor Divino! Para me enviar à missão, quis primeiro que eu experimentasse o dom da maternidade, e então, a ameaça contra a vida do nosso filho.

Por inspiração divina, o curso de capacitação para oferecer ajuda às segundas vítimas do aborto teve como público alvo os profissionais de saúde, e teve uma ótima acolhida em nossa cidade e nas regiões vizinhas.

Terminada a capacitação e tendo feito o compromisso de sermos Apóstolos da Vida, atendemos no primeiro mês quarenta e duas pessoas necessitadas de nossa ajuda. Já no terceiro mês, quase todos os acompanhantes tinham pelo menos um acompanhamento, e muitos até dois ou três (118 acompanhamentos).

Sentia uma responsabilidade imensa sobre meus ombros. Tinha que incentivar meus irmãos acompanhantes para que seguissem adiante. Além do mais, era um trabalho voluntário. O segredo era amor e oração.

Agora, depois de um ano e meio de trabalho, vejo que Ele nunca me abandonou. Temos crescido em serviços orientados para a prevenção, assim como para a unificação dos carismas, pois no Projeto Esperança reúnem-se legionários, carismáticos, catecúmenos, dominicanos, carmelitas, sodalícios, franciscanos. É a Igreja que ama, celebra e defende a vida, a vida nascente, aquela ameaçada e a machucada.

Agradeço a Deus e ao meu amado esposo, que neste apostolado é o meu companheiro mais valioso, à Universidade Católica San Pablo, gestora e promotora deste apostolado, mas muito especialmente à minha mãe, Margarita, que me deu a vida.

Sou feliz. Encontrei minha realização no serviço, servindo àqueles que carregam um peso enorme sobre os ombros e que, muitas vezes, já não creem em mais nada. Verdadeiramente não há recompensa maior em ver um irmão nosso sorrir e se sentir amado novamente. É como se ele voltasse a nascer e, por gratidão, procura emendar seu erro com muita sinceridade. É o filho pródigo que só deseja ser tratado como um criado, mas Deus o levanta. Me atrevo a afirmar que podemos sempre contar com essas pessoas reconciliadas.

Uma vez me perguntaram: você não se cansa? E eu lhes digo, como vou me cansar de sair de uma festa e entrar em outra? Cada acompanhamento encerrado é uma festa. Cada jovem que opta pela pureza é outra festa. Cada mulher que aprende os métodos naturais, cada homem que reconhece sua participação no aborto, cada ligação, cada olhar de gratidão, cada beijo e abraço, ver seu irmão feliz, é a verdadeira felicidade. Quando chego em casa, tenho sempre uma história nova pra contar, e reconhecer-se como servidor dos outros lhe compromete ainda mais ao serviço dos seus. Até nisso Deus é sábio.

Nunca hesite em se comprometer com a Vida. Dê o melhor de si. Dê as suas forças, sua inteligência, seus recursos, o que você tiver, pois este é o primeiro dom, o maior e o fundamental.

Neddy Mendoza Flores

CEP 34297

Coordenadora do Projeto Esperança, Peru.

## **Acolher e acompanhar ao encontro com Deus**

Faz dezessete anos que estou no Santuário de la Mater em La Florida e, através da Elizabeth, tive a possibilidade de ajudar neste processo de recuperação ou renovação das pessoas que perderam um filho por meio do aborto e se encontram machucadas por isso. Tive a possibilidade de assessorar espiritualmente sete experiências de acompanhamento.

Nestas experiências, me chama a atenção como as pessoas buscam se encontrar com seus filhos. A partir deste desejo, nós montamos um trabalho de resignificação e oração que culmina numa liturgia muito emocionante que elas mesmas preparam. Me surpreende ver como estas mulheres se abrem totalmente à Graça de Deus, à Graça do perdão de Deus, que é muito forte, e também à Graça do reencontro com o filho. O filho ao qual necessitam dar uma identidade para reconhecer o sentido profundo de sua dor e oferecê-la a Deus, e ao qual dão um nome, que significa um encontro. Já não se trata do filho que morreu e não está presente, mas daquele que se encontra no coração de Deus. Isto me impressionou profundamente.

Me alegra que seja aqui, no Santuário da Virgem Maria, Nossa Senhora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, onde se realizaram os primeiros encontros que deram origem ao Projeto Esperança. Neste Santuário, Maria está para acolher as pessoas que passam por grande tribulação. Está aqui para curar ou ajudar os que têm dificuldade na família, no trabalho ou no dia a dia. Relembrando a emoção e a paz conquistada, refletidas nos rostos das jovens no momento da liturgia, penso que, a partir daqui, Maria quer impulsionar uma grande obra.

Também recorro, muito impressionado, a vivência da reconciliação e do perdão com as pessoas que as acompanham e que, em alguns casos, foram as mesmas que as pressionaram para abortar, ou que não puderam ajudar ou negaram a ajuda. É emocionante assistir a este momento de reencontro de corações que ficaram presos por anos.

Creio que esta experiência é muito importante porque abre uma nova perspectiva para ajudar às pessoas que sofrem depois de um aborto e para criar uma oportunidade para curar relacionamentos e feridas. Esta é uma instância do acompanhamento pastoral na qual a pessoa compartilha, na sua solidão e dor, o dano profundo do aborto e recebe a acolhida necessária. Em todos esses casos, as pessoas entendem com mais profundidade a missão do sacerdote que ajuda a unir o homem a Deus, e se aproximam da Virgem, a Virgem Mãe que também muito sofreu pelas dores de seu Filho Jesus que se entregou na Cruz pelo perdão de todos os pecados. Isto é muito importante.

Padre Jaime Ochagavía, padres de Schoenstatt, Santuario de Bellavista de La Florida

## **Minha partilha como sacerdote**

### **neste caminho pastoral**

Teria muito para partilhar sobre o serviço que, como sacerdote, posso prestar ao Projeto Esperança e o que tenho recebido dele. Muita coisa também fica guardada no silêncio, no respeito e na prudência de um caminho de reconciliação e perdão com Deus, consigo mesmo, com a vida que não pôde nascer e com as pessoas que participaram da vida de alguém que, no momento trágico, não encontrou segurança, tranquilidade e apoio e clareza para saber o que fazer e a quem recorrer.

Poderíamos escrever muito acerca do aborto e seus argumentos nefastos, todavia, o que este projeto intenta é curar suas consequências dolorosas, principalmente na mulher cujos braços, cujo ventre, cuja história ficaram vazios. Um vazio difícil de preencher, mas que Deus se encarrega de fazê-lo, não só porque toda vida é acolhida por Ele, mas, e acima de tudo, porque Ele assume a dor de quem sofre.

Acolher, repassar a história, dar um nome, purificar, limpar, unir e abrir um caminho de esperança para quem, no mais profundo de seu coração, se sente e se descobre ferido, é o esforço deste projeto, de todas suas etapas e das pessoas envolvidas. Ainda que paradoxal, descobre-se como a Providência Divina, capaz de transformar um mal em bem, sai ao encontro deste “pecado tão grave” para manifestar e expressar seu amor curador, a força de seu perdão e o caminho libertador de reconciliação e reparação. Tratam-se de realidades que são estranhas à toda e qualquer posição política, ideológica e sanitária que busca justificar o aborto como uma expressão da liberdade individual.

Se tivéssemos a ousadia de conhecer ao menos um pedacinho da profunda ferida que o aborto produz no coração humano e da magnitude do perdão que cura, não haveria tanta superficialidade naqueles que enfrentam este problema como espectadores na tribuna sem se envolver com ele no palco onde se trava a mais dolorosa das batalhas: a vida, e onde se manifesta a maior das vitórias de Deus: a história.

Padre Juan Pablo Rovegno M., padres de Schoenstatt,

Santuario de Bellavista de La Florida

## **O luto que...dói**

O tema do aborto provocado pode ser analisado sob vários pontos de vista: médico, jurídico, social, moral, psicológico, etc. Estas linhas o abordarão sob a perspectiva do processo de luto que deve enfrentar a pessoa que experimentou este tipo particular de perda.

### **O que é o luto?**

O luto é a reação natural diante da perda de um ente querido ou de um objeto equivalente. É um processo que pode se dividir em etapas ou fases sucessivas – até doze, dizem alguns profissionais –, entretanto, independentemente do número de etapas e, por ser difícil antecipar a reação de cada pessoa à perda de um ente querido, pois se trata de um processo intransferível, que varia entre famílias, culturas, sociedades, o luto é marcado pelo surgimento de problemas de saúde física ou psicológica associados a ele.

O ser humano manifesta o luto principalmente através dos sentimentos – tristeza, ira, culpa, ansiedade, solidão, impotência, insensibilidade, etc. –, das sensações físicas – vazio no estômago, opressão no peito, falta de ar, hipersensibilidade ao ruído, debilidade física, secura na boca, etc. –, da cognição – incredulidade, confusão, preocupação, sensação de presença, alucinações – e do comportamento – transtornos do sono, transtornos alimentares, distração, isolamento social, hiperatividade, choro, etc.

Quando não se elabora o luto de forma correta, em alguns casos, a pessoa pode ficar sobrecarregada e recorrer a condutas desadaptativas, ou então, pode permanecer imóvel sem conseguir avançar na resolução do processo.

A elaboração saudável do luto depende de muitos fatores. Dentre eles, o modo como a perda aconteceu, seu significado, os sentimentos que provocaram nos enlutados, os recursos psicológicos e espirituais que se tem, o apoio social, a qualidade das relações de ajuda que se recebe, o treinamento na arte de perder e se separar, etc.

### **O luto por um aborto provocado**

Não existem no Chile estatísticas claras do número de abortos provocados que são realizados atualmente. No entanto, algumas investigações, como a da Federação Internacional de Ginecologistas e Obstetras, colocam o país com uma das taxas mais altas de abortos na América Latina: 40 mil casos por ano. Porém, como as estatísticas oficiais revelam somente os registros de mulheres que acorrem aos hospitais por conta das complicações pós-aborto,

calcula-se que o número real de abortos poderia chegar a 160 mil por ano, o que significa que pelo menos 160 mil pessoas (contando somente uma pessoa por aborto) experimentam este tipo de perda.

O aborto provocado é uma situação sobre a qual é difícil falar e que se desejaria esquecer. Após o aborto se experimenta uma sensação de alívio, já que aparentemente se resolveu um problema. Porém, o preço deste “alívio” se pagará para o resto da vida. Ao mesmo tempo, ou até anos depois, e desencadeada inclusive por uma situação de perda diferente da originada pelo aborto, a mulher que abortou apresentará uma sintomatologia que muitos especialistas chamam de Síndrome Pós-Aborto. Esta se caracteriza por uma perda de interesse pelas outras pessoas, uma diminuição da capacidade de concentração no trabalho ou nos estudos, fortes alterações de comportamento, transtornos alimentares e do sono e até comportamentos autodestrutivos.

Estes sintomas de maneira alguma são meramente emocionais ou passageiros, mas, pelo contrário, seu fundamento real é a decisão de matar um filho, um ser humano indefeso de quem a pessoa teria a responsabilidade da maternidade/paternidade. Por ser uma perda provocada pela própria mulher, a culpa que ela experimenta é enorme.

### **Ajudar a curar as feridas**

Frequentemente, a decisão de abortar é tomada com precipitação e sob forte pressão psicológica. Em geral, a mulher não tem coragem de compartilhar essa decisão difícil e passa por tudo isso em total segredo. Por não contar com o apoio emocional da família e dos amigos, passa também pela etapa pós-aborto com a mesma solidão. Suporta tudo sozinha, até explodir. É neste momento então que se observam alguns sintomas depressivos.

Por isso, a melhor maneira de acompanhar as mulheres que abortaram é acolhê-las e encaminhá-las a um especialista com quem paralelamente possam trabalhar em profundidade o tema da culpa, do perdão e da autoestima.

O acompanhamento da pessoa que está passando por esta experiência de luto também deve ser ativo. Se a mulher reconhece a necessidade de falar de sua(s) experiência(s) abortiva(s), e decide fazê-lo, é aconselhável pedir a ela que narre aqueles detalhes que a ajudarão a verbalizar o que sente e que muito provavelmente lhe é doloroso expressar: como engravidou, quando se deu conta que estava, o que pensava sobre o bebê, se o personificava, se já se sentia envolvida com ele, como e por que decidiu abortar, etc. Este tipo de conversa pode ajudar a valorar a realidade da perda, pois só dimensionando-a, é possível elaborar o luto de maneira efetiva. Só vivendo adequadamente este processo, a mulher poderá concluir bem o processo e conseguirá experimentar as mudanças positivas que lhe permitirão seguir avançando e lhe devolverão a esperança e o sentido da vida. Em suma, conseguirá curar suas feridas.

Todas as feridas, inclusive as mais dolorosas, podem ser curadas, mas precisam de tempo. Como outros lutos, aquele que se vive depois de um aborto também precisa de tempo. No entanto, o ser humano encontra-se cada vez mais apressado, fica cada vez mais impaciente e não está disposto a esperar. Quer tudo de forma imediata. Há o risco de que esta mesma atitude acompanhe a pessoa enlutada, fazendo com que se questione: Quando isso acabará?

Não há respostas definitivas à pergunta sobre quanto tempo dura o processo do luto, muito menos em se tratando de um aborto. São muitos os fatores que intervêm e, em geral, pode-se dizer que a intensidade e a duração do luto variam segundo a idade, o sexo, as circunstâncias da perda e a relação com o falecido, assim como a experiência de lutos passados e a personalidade de cada paciente. Alguns especialistas falam de seis meses, ou de um ano e até três anos. Depende de cada pessoa.

É importante saber que a elaboração do luto se parece com o processo de cicatrização de um ferimento após uma intervenção cirúrgica. No princípio, não podemos tocar nela, sofremos, dói, mas com o tempo a ferida vai sarando, podemos tocar nela e já não sentimos dor. O tempo de cicatrização depende da profundidade da ferida, do tratamento e dos cuidados que lhe se aplique. Todavia, a cicatriz fica para sempre.

### **Importância do Sacramento da Confissão no caso do aborto**

A confissão possui uma dupla dimensão, sacramental e psicológica, e ambas estão estreitamente unidas. Muitas pessoas se aproximam do confessor para poder confiar seus segredos sem que ninguém mais saiba. Necessitam se sentir ouvidas, expressar seus sentimentos e, de alguma maneira, libertar-se de algum peso na consciência. Entretanto, a confissão dos pecados não pode se limitar a uma simples intenção de libertação psicológica, mesmo quando corresponde a uma legítima necessidade natural, própria do coração humano, de nos abriremos uns aos outros.

A Confissão é um ato litúrgico, solene por sua natureza dramática, porém humilde e sóbria na grandeza de seu significado. É o ato do pecador que se converte, o ato do filho pródigo que retorna à casa do pai que sai ao seu encontro e dá as boas-vindas com o beijo da paz e um verdadeiro banquete. É um ato de honradez e valentia. A ação de se entregar, apesar do pecado, à misericórdia de Deus que perdoa, porque ama, é um ato de profunda confiança.

A mulher que fez um aborto talvez recorreu a muitos terapeutas e conselheiros, que a puderam ajudá-la de diversas maneiras, mas não possuem a autoridade de lhes assegurar o perdão e a paz de Deus. Para ela, a confissão é particularmente crucial. Este Sacramento não substitui a terapia, nem a terapia o Sacramento, mas ambos se orientam à meta comum que é a cura emocional, corporal, psicológica e espiritual da mulher.

O ser humano é muito complexo. Seu ser é constituído por uma série de elementos como a alma, o intelecto, a psique, a memória, a consciência, etc., que devem ser considerados quando a pessoa confessa o pecado do aborto. Uma Confissão sincera e completa é a base da cura pós-aborto. A Confissão nos aproxima de Deus e restabelece os laços de amor que se deterioraram pelo pecado.

No entanto, quando uma mulher toma verdadeira consciência do crime que cometeu, e que o filho que matou não era apenas parte do seu corpo, mas um ser humano com todas as suas potencialidades, chamado à vida livre e plena, fica espiritualmente ferida e emocionalmente destruída. Por esse motivo, quando depois de uma Confissão sincera, o padre diz “Eu te absolvo de teus pecados. Vá em paz”, muitas mulheres não vão em paz. Quantas mulheres confessam dez, vinte, cinquenta vezes o pecado do aborto, pelo qual já foram absolvidas em confissões anteriores! E não é porque não creem na graça real do Sacramento recebido, mas porque se deram conta da gravidade da situação e lhes custa crer que Deus as perdoa depois de um ato tão brutal. Inclusive, se conseguem ficar em paz com Deus, não conseguem o mesmo com elas próprias. Com certeza, precisarão de vários encontros com o sacerdote, levando um tempo para refletir sobre o acontecido.

Por outro lado, o sacerdote deve procurar entender o estado de alma da mulher. Deve necessariamente tomar a atitude que Cristo teve diante da mulher adúltera ou da samaritana, acolhendo-as e acompanhando-as para que retornem ao caminho de Deus. Por causa disso, é difícil que o luto que se experimenta após o aborto possa “se solucionar” em apenas uma confissão. Provavelmente, a mulher precisará ser acompanhada espiritualmente, e que se lhe ofereçam condições e recursos suficientes para passar pelo processo de cura.

Mesmo que existam padres psicólogos ou psiquiatras, a maioria não é, e por isso, eles precisam desenvolver também as qualidades destes profissionais para cumprir plenamente o que seu ministério lhes pede e ao que estão chamados por vocação: serem pastores preocupados com cada uma das ovelhas de seu rebanho, acompanharem os homens e as mulheres em todas as situações e circunstâncias da vida.

Para poder ajudar eficazmente a mulher no processo pós-aborto, será necessário que o sacerdote conheça detalhadamente as etapas do seu luto. Para isso, é preciso conceder todo o tempo necessário para ouvir todos os detalhes das confidências da mulher, pois eles revelarão seu estado espiritual, psíquico e anímico.

Em cada Confissão, a contrição – isto é, rechaçar de forma clara e convicta o pecado cometido, reconhecer que ofendemos a Deus que tanto nos ama e nos comprometer a não mais cair – é o princípio e o centro da conversão e da reconciliação com Deus.

A verdadeira contrição é extremamente libertadora, porque concede a graça de se voltar a Deus e fica mais fácil aceitar seu amor. Para muitas mulheres machucadas pelo aborto, a contrição lhes concedeu a libertação e a possibilidade de se perdoarem e se aceitarem, depois de anos de ódio e autodepreciação.

A penitência (também chamada de satisfação), que normalmente é indicada pelo sacerdote ao final da Confissão, e assumida pelo penitente como reparação de seus pecados, é importante como conclusão do processo de cura numa situação de aborto. A penitência deve ser uma tarefa significativa que permita à mulher fazer algo a favor da vida, renunciando terminantemente a morte. Por exemplo, adotar espiritualmente um bebê que vai nascer, doar sangue, visitar lares de crianças abandonadas, orar pelas mulheres que trazem em seu coração a intenção de abortar, etc. Mesmo como no caso do aborto, que não é possível reparar o dano, uma boa penitência pode ajudar a purificar nosso passado, a orientar nosso futuro e a viver em plenitude nosso presente.

## **Conclusão**

Criado para amar e ser amado, o ser humano vive sua vocação marcado por alegrias e esperanças, dificuldades, tristezas e dores. Submerso na imensidão do mistério da vida, deve inexoravelmente se enfrentar com o mistério da morte. Sem dúvida, o aborto é uma das páginas mais obscuras que o homem escreve no livro da humanidade, pois é uma morte provocada, premeditada. É uma decisão tomada pelo outro que ainda nem teve a oportunidade de ver a luz do mundo. Por isso, é necessário que se faça todo esforço possível para evitar o aborto e, se não for possível, a nossa obrigação é rezar por esses bebês não nascidos, mas também pelos pais que cometeram esse grande erro e que, indubitavelmente, são as outras vítimas desta situação tão dolorosa.

É de suma importância ter em mente que, para que estas “outras vítimas” sigam em frente, elas precisam de recursos humanos, espirituais e técnicos. Elas necessitam sentir que não estão, nem voltarão a estar sozinhas; que há pessoas que, sem fazer juízo algum de sua situação, estarão dispostas a valorizá-las, apoiá-las e lhes demonstrar um carinho incondicional.

Ajudar-se mutuamente, caminhar juntos pelos caminhos da vida, é fazer deste mundo um lugar mais fraterno, mais humano. Se soubermos nos acompanhar neste vale de lágrimas, saberemos chegar às verdes pastagens da felicidade eterna. E tornaremos vivas estas palavras: “Não te afastes dos que choram, sofre com os que sentem tristeza.” (Eclo 9, 34)

Padre Marcos Burzawa, msf

[página 89]

**Secuelas psicológicas  
do aborto provocado**

## Introdução

O estudo das sequelas psicológicas do aborto provocado gera muitas controvérsias. É comum que se lhe atribua um viés moral e ideológico, além das dificuldades metodológicas relacionadas às investigações clínicas que analisam o tema, ao qual se agrega, com frequência, um certo desinteresse ao se considerar como o aborto, como acontecimento vital ou traumático, pudesse causar algum tipo de seqüela psicológica.

Em relação à possibilidade de se classificar o aborto provocado como um acontecimento vital, a escala clássica para quantificar o nível de estresse<sup>2</sup> que produzem os diversos acontecimentos da vida (também denominados *life events*) não a incluem, ainda que se incorporem situações que à primeira vista, são de menor importância, como por exemplo, multas por violação das leis de trânsito ou mudanças de domicílio.

Em relação à segunda alternativa, ou seja, à possibilidade de se classificar o aborto provocado como um acontecimento traumático e, portanto, capaz de gerar um Transtorno de Estresse Agudo ou Transtorno de Estresse Pós-Traumático, o que chama a atenção é que os autores nem mesmo a citem, ainda mais quando o *acontecimento traumático* se define como aquela situação em que “a pessoa experimentou, presenciou ou que lhe foi relatado um ou mais acontecimentos caracterizados por mortes ou ameaças à sua integridade física ou à dos demais.”<sup>3</sup>

A realidade anterior se coaduna com o fato de que o aborto provocado não é tema de conversas frequentes entre colegas da área de saúde mental, nem se encontra nos textos acadêmicos nos quais se formam gerações inteiras de psicólogos e psiquiatras.

Por outro lado, a experiência clínica demonstra que a paciente, só de forma extraordinária, se é que alguma vez, busca um psiquiatra ou psicólogo para trazer uma demanda pós-aborto. Nem é mesmo frequente que a paciente, ao longo de sucessivas entrevistas, explicita de modo espontâneo que já realizou um aborto. Inclusive quando o psiquiatra ou psicólogo pergunta abertamente sobre um aborto provocado, o que acontece frequentemente é que a mulher oculte – podendo reconhecer mais tarde – ou, simplesmente, ainda que reconhecendo, prefira não *tocar* no tema. Assim mesmo, a experiência

---

<sup>2</sup> Holmes, T. & Rahe, H., The Social Readjustment Rating Scale; Jour. Of Psychosomatic Research, 11: 213-218, 1967.

<sup>3</sup> Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, DSM – IV.

demonstra que o aborto provocado, quando vem à luz no diálogo paciente-psicoterapeuta é um tema delicado de abordar e de difícil manejo.

Estas razões explicam em parte por que muitos colegas afirmam, com base em suas experiências clínicas e com toda a sinceridade, que o aborto não é um dado relevante na saúde mental das mulheres.

Sem exagero, pode-se então afirmar que as possíveis sequelas do aborto provocado são quase desconhecidas pelo mundo acadêmico e, salvo exceções, omitidas no exercício clínico na área da saúde mental. É como se neste tema a ciência tivesse perdido sua aclamada objetividade, cedendo seu rigor a fatores humanos de outra ordem (possivelmente ligados a posições pessoais, preconceitos ideológicos, etc.). No entanto, o psicólogo ou psiquiatra receptivo ao tema pode formar um critério válido a partir dos relatos clínicos de seus pacientes, assim como da leitura de publicações científicas que, pelo seu rigor metodológico, dificilmente poderão ser ignoradas.

Como contribuição à formação deste critério, o presente artigo elenca uma breve revisão da literatura especializada e da experiência clínica do autor. Deste modo, intencionamos demonstrar que o aborto provocado não pode ser considerado algo irrelevante. Quando se analisa o aborto e se compara – para se confirmar – com a história clínica da paciente, lançam-se importantes luzes em relação ao seu sofrimento psíquico. Será fundamental, portanto, avaliar *caso a caso*, e evitar adotar posturas *a priori* que distorcem uma avaliação clínica imparcial.

## **I. Breve revisão da literatura científica sobre as sequelas psicológicas do aborto provocado**

As investigações científicas sobre as consequências do aborto provocado são susceptíveis a leituras díspares<sup>4</sup>. Ainda assim, em geral, elas coincidem em descrever as sequelas psicológicas na linha depressiva, da culpa e da angústia. A literatura recente só faz confirmar esses dados<sup>5</sup>. Em países com uma matriz

---

<sup>4</sup> Rogers, J., Stoms, G., Phifer, J., Psychological Impact of Abortion: Methodological and Outcomes Summary of Empirical Research between 1966 and 1988; Health Care for Women International, 1989; 10: 347-376

<sup>5</sup> Cogle, J., Reardon, D., Coleman, P., Depression associated with abortion and childbirth: a long-term analysis of the NLSY cohort; Med. Sci Monit., 2003; 9 (4): CR157-164.

Gissler, M., Hemminki, E., Lonnqvist, J., Suicides after pregnancy in Finland, 1987-94: register linkage study; B.M.J., 1996; 313: 1431-1434 (7 December)

Cogle, J., Reardon, D., Coleman, P., Generalized anxiety following unintended pregnancies resolved through childbirth and abortion: a cohort study of the 1995 National Survey of Family Growth, Jour. Of Anxiety Disorders, 19 (2005), 137-142.

cultural e religiosa diferente da ocidental, como o Japão<sup>6</sup>, observaram-se as mesmas consequências.

Ademais, as investigações coincidem em apontar que o parceiro da mulher que aborta, com significativa frequência, apresenta algum nível de transtorno mental<sup>7</sup>, que vai desde um transtorno neurótico até problemas de conduta.

Com base na experiência clínica, é possível afirmar que, se bem que nem todas as mulheres são igualmente afetadas pelo aborto<sup>8</sup>, uma porcentagem significativa apresenta transtornos psíquicos pós-aborto, ao ponto de requerer internação psiquiátrica<sup>9</sup>. Dentro desta perspectiva, o aborto não é tratamento para nenhuma doença psíquica – como alguns já chegaram a sugerir. Por outro lado, não encontramos investigações clínicas que concluam que o aborto provocado, a longo prazo, seja inofensivo ou benéfico para a saúde mental da mulher. Se o aborto é defendido por algumas pessoas como procedimento médico-científico, seu valor ainda precisa ser provado cientificamente. Pelo contrário, de modo crescente e paulatino os estudos sobre o tema vão se libertando de preconceitos e posturas cientificamente inconsistentes, para demonstrar a magnitude do drama humano que se oculta por trás de uma cortina de silêncio.

---

Reardon, D., Ney, P., & col., Deaths associated with pregnancy outcome: a record linkage study of low income women, *South. Med. J.* Aug; 95(8): 834-4.

Reardon, D., Coleman, P., Cogle, J., Substance use associated with unintended pregnancy outcomes in the National Longitudinal Survey of Youth, *Am. J. Drug Alcohol Abuse*, 2004 May; 30(2): 369-83.

<sup>6</sup> Hayasaka, Y., Toda, H., Japan's 22 Year Experience with a Liberal Abortion Law; *Marriage & Family Newsletter*, vol. 4, Nº 5, 6; May-June, 1973.

<sup>7</sup> Ottonson, Jan-Otto, Legal Abortion in Sweden: Thirty Years' Experience; *J. Biosoc. Sci.*, 1971; 3, 173-192.

<sup>8</sup> O que há mais consenso entre os autores é o fato de que as mulheres mais vulneráveis a ter sequelas por aborto provocado são aquelas com algum transtorno mental anterior. Este dado, claramente evidente clinicamente, foi resenhado oficialmente pela OMS: "As mulheres para as quais o aborto legal é considerado justificado por razões psiquiátricas são aquelas que têm o maior risco de transtornos psiquiátricos posteriores ao aborto," "Não há dúvida nenhuma que a interrupção da gravidez (leia-se aborto) pode ocasionar uma psicose ou ainda reações psicóticas em indivíduos susceptíveis." (Cf. *Technical Report Series*, Nº 461, 1970). (Desconhecemos a existência de algum trabalho que desminta esta observação.)

<sup>9</sup> Rasmussen, D., Holst, E., Postpartum and postabortion Psychotic reactions, *Family Planning Perspectives*, 13 (2), 88-91, Mar-Apr / 1981.

Reardon, D., Cogle, J., Rue, V., Ney, Ph.; psychiatric admissions of low-income women following abortion and childbirth; *CMAJ*. May 13, 2003; 168 910), (Canadian Medical Assoc.)

Em relação aos múltiplos abortos, estudos demonstram que as mulheres que realizaram abortos sucessivos apresentavam um grau de desequilíbrio mental anterior<sup>10</sup>.

Para uma revisão da literatura científica, aconselhamos ao leitor que consulte a página do Elliot Institute, ([www.afterabortion.org](http://www.afterabortion.org)) onde o tema é extensamente analisado.

## II. As Sequelas Psicológicas do Aborto refletidas na Psicoterapia

Todavia, a literatura científica é insuficiente para avaliar de maneira conclusiva as sequelas psicológicas do aborto, e *fica bem aquém* ao se comparar com aquilo que o terapeuta observa ao longo de uma psicoterapia<sup>11</sup>. As publicações proporcionam dados e estatísticas valiosos, porém anônimos. Não há como se intuir nestes estudos a verdadeira trama psicológica e o sofrimento emocional que as mulheres padecem e que ao psicoterapeuta é dado a vislumbrar em toda sua amplitude dolorosa.

À guisa de ilustração deste sofrimento psicológico, transcrevo as informações relevantes que muitas mulheres manifestaram durante a psicoterapia.

- a) Em relação ao estreitamento do horizonte de vida ou da sensação de um futuro desolador

“Não posso esperar nada de bom para minha vida.”

“Não mereço nada de bom para minha vida.”

“Está tudo perdido.”

“Perdi minha única oportunidade.”

“Está tudo acabado pra mim.”

“Se eu não me importei em fazer *isso* – abortar –, nada mais me importa.”

“Não mereço progredir na vida.”

- b) Em relação à culpa

“Deus está me cobrando a dívida pelo que eu fiz.”

“Ultrapassei os limites da liberdade.”

“Sou a pior.”

“Sou uma miserável.”

“Nunca vou me perdoar.”

- c) Em relação à autoimagem, à autoestima e ao sentimento de estranheza consigo mesma

---

<sup>10</sup> Tornbom, M., Moller, A., Repeat Abortion: a qualitative study, J. Psychosom. Obstret and Gynaecol. 1999 Mar; 20 (1): 21-30.

<sup>11</sup> O autor pratica a Psicoterapia Simbólica. Com o recurso deste instrumento psicoterapêutico encontrou os resultados descritos mais adiante.

“Não entendo como pude fazer isso.”

“Se fui capaz de fazer isso – abortar –, sou capaz de qualquer coisa.”

“Nada pior pode acontecer comigo.”

“Me sinto vazia.”

“Depois do aborto, não me reconhecia, não era a pessoa que eu pensava que fosse.”

- d) Em relação à nostalgia profunda por aquilo que poderia ter acontecido, mas nunca se realizará

“Que maravilha, que lindos são os bebês.”

“Como teria sido se ela tivesse nascido.”

“Esse menino tem aproximadamente a idade dele se eu o tivesse tido.”

“Quando abraço minha neta, abraço o filho que nunca tive.”

Os depoimentos anteriores demonstram que uma gravidez não desejada não necessariamente se transformará num filho não desejado. Essa nostalgia e fantasias de como teria sido o filho e as reações de aniversário (isto é, os sintomas de angústia e depressão que se apresentam na data do aborto e na data estimada do parto), entre outros sintomas, revelam que, *em alguma parte íntima*, a mulher desejou profundamente ter prosseguido com a gravidez.

- e) Em relação ao rancor e ressentimento com o parceiro

“Os homens me sacanearam, agora vou sacaneá-los.”

“Você acha que é Deus, que pode decidir sobre a vida e a morte.”

“Você se sente tão machão agora, e quando teve que ser mesmo, você fugiu.”

“É tanta raiva que sinto do NN (seu ex-parceiro) que não consigo avançar na vida.”

“Ver o pai de meu filho abortado é o que mais me faz recordar do aborto.”

“Quando eu me irritava com ele por qualquer besteira, no fundo era por causa disso, do aborto.”

- f) Em relação à angústia/depressão

“Com esta dor, é melhor me matar.”

“Me dói viver.”

“Estou destruída desde o dia que eu resolvi abortar.”

“Eu não valho nada.”

“Eu não sirvo pra ninguém.”

g) Em relação à tomada de decisão de abortar

“Escolhi o filho como quem escolhe uma fruta na feira, esta sim, esta não.”

“Filhos sem amor, nem se eu fosse louca.”

“Sinto que não tive a liberdade para evitá-lo. Me culpo por não ter tido a força para dizer: não, não vou abortar!!!”

“Eu me preocupava como minha vida mudaria com um bebê.”

“Não posso assumir um bebê neste momento de minha vida.”

“Tenho problemas com meu parceiro.”

“Tinha que evitar ser mãe solteira.”

“Foi uma decisão *contra o tempo*, não podia demorar muito para pensar.”

À luz das afirmações anteriores – verdadeiros diálogos interiores –, que esclarecem tantos sofrimentos clínicos das mulheres, dificilmente o médico pode deixar de considerar como será o curso da vida e a evolução clínica da paciente. Culpa, depressão, tentativas de suicídio, pesadelos, rompimento de laços afetivos, disfunção sexual, angústia e solidão, esfriamento afetivo, reações de aniversário, temores ginecológicos, comportamentos reparadores, e alcoolismo. Todos estes sintomas e sinais eu os pude constatar em minha prática clínica em relação ao aborto provocado.

### III. Sequelas do Aborto Provocado e a Psicologia Feminina

Há que se recordar também das características essenciais da psicologia feminina: por um lado, o fato de que *a mulher dificilmente esquece*; e por outro lado, que sua vida afetiva gira ao redor dos vínculos humanos. Sob esta perspectiva, o aborto é todo contrário ao psiquismo natural feminino. O aborto provocado é a negação do vínculo, a negação do afeto devido ao filho. E isto dificilmente a mulher supera.

Transcrevo algumas mensagens e cartas de pacientes que abortaram, que evidenciam esta ferida em seu ser íntimo de mulher:

a) “Filho, hoje tenho trinta e dois anos, sete anos a mais do que eu tinha quando decidi que você não conheceria a luz, que não teria esperanças nem ilusões. Sete anos desde que me neguei poder olhar seus olhos e te ter dormindo nos meus braços, pentear seu cabelo e acalmar seu pranto.

Filho, me perdoe!!! Porque não sabia que ao lhe negar a vida, também acabava com a minha.

Quero que você saiba que, mesmo meu ventre estando estéril e vazio, você continua sendo e sempre será meu. A única coisa que peço é podermos estar juntos um dia, lhe dar esse abraço negado, e hoje mais desejado, olhar seus olhos e saber que você me perdoou.”

(Uma dona de casa)

- b) “Só tenho ânimo para chorar, que ironia; é alguém que morre, alguém que não sabemos nem saberemos nunca como é. É alguém que morre, e a única coisa que se sabe dele é que ninguém o quer, ninguém quer que ele exista, nem mesmo aqueles que o criaram. Pode por acaso o homem ser tão cruel? Como o homem é capaz de criar algo com “*amor*”, para depois destruí-lo com indiferença? Já sei por que choro. Não sou indiferente, não posso ser.”

(Uma jovem universitária)

- c) “Amiga, sei como se sente. Mesmo não sendo fácil, parecia que tudo se solucionaria quando em meio àquelas circunstâncias você acreditava que estava dando fim ao seu problema. Não saber o que fazer, a confusão, o medo, e até a influência dos outros te levaram a fazer sem pensar muito. Tudo parecia mais fácil assim. Agora a confusão passou, você já não está mais envolta pelas “circunstâncias”. No entanto, você não se sente bem. É como se mais uma vez a confusão tomasse conta de você. Está angustiada, não encontra razões para seus medos, até chora sem saber por quê. Tudo é muito estranho. Você se sente só, como se lhe faltasse uma parte bem grande de você mesma. Está mal consigo mesma. Se sente invadida por um sentimento de culpa que não lhe deixa em paz.

Sei que quando pensa em todas aquelas circunstâncias que não permitiram que seu filho viesse ao mundo, você experimenta todos esses sentimentos. Agora, precisa de ajuda. Pense nisso.”

(Mensagem escrita por uma jovem universitária que havia abortado para uma amiga que abortou recentemente.)

- d) “Por que fiz isso? Não sei. Creio que fui melhor amante do que mulher e mãe. A partir deste dia, terei que carregar para sempre esta culpa, esta dúvida e este vazio que sinto hoje. Tudo que eu sempre quis, se perdeu. Não quero chorar mais por isso, nem mesmo pensar em como minha vida poderia ter sido melhor. O que eu sei hoje é que o que fiz não posso mudar, mas sim me arrepender e carregar esta cruz pelo resto da minha vida.”

(Uma jovem universitária)

- e) “Esta solidão está me deixando cada vez mais fria, mais velha, mais pobre, mais debilitada. Creio que estou pagando pelo pecado que cometi há um ano. Se devo pagar com infelicidade, prefiro morrer.

Quando acreditei que finalmente tinha encontrado o amor, na realidade encontrei o engano, a traição, a aventura, e estou pagando por isso.

Creio que dia após dia estou morrendo um pouco mais. Parece que estão me sugando por dentro. Nunca me esquecerei da face oculta do amor.”

(Uma jovem universitária)

- f) Fico pensando como seria, e já não me importa. Seria lindo como todo bebê, e eu o matei, e hoje necessito dele. Hoje choro por uma maternidade impossível, pois já está tudo feito. Não posso voltar atrás e gritar: não, meu filho vai viver!!! Não posso voltar no tempo e gritar que vou ser mãe solteira e meu filho crescerá em meus braços. Foi ali que eu fiquei sozinha. Ali morreu meu filho e nasceu esta solidão profunda que não me abandona haja o que houver. Foi ali que surgiu a raiz amarga que sempre me acompanha. Hoje choro de covardia. Não vivi bem meus vinte anos, não vivo bem meus trinta e nove.”

(Uma dona de casa)

#### **IV. Psicopatologia frequente observada nas pacientes que abortaram<sup>12</sup>**

O aborto provocado presenteia à mulher um alívio inicial, imediato, pois ela vê solucionado o atoleiro em que ela estava metida<sup>13</sup>. Uma gravidez não desejada, em circunstâncias imprevistas, que obriga à mulher uma decisão que não queria tomar, pressionada pela urgência do tempo, é sempre uma situação difícil. O aborto se apresenta então como uma solução. Mas, com o tempo, aparecem as sequelas. Dentro de um ponto de vista clínico, estas poderiam se agrupar da seguinte maneira:

---

<sup>12</sup> Em nossa experiência, também temos observado sequelas psicológicas em um aborto decidido mas não consumado, naquelas mulheres que, diante do medo de terem ficado grávidas, mesmo sem saber se estavam, decidem abortar, ou seja, realizam o mesmo ato interior que aquelas que efetivamente abortaram. Umas esperam para ver se chega a regra, outras decidem tomar “algo” para terem certeza se estavam ou não grávidas. Em todos estes casos, elas abortaram psicológica e moralmente, e é em virtude deste ato interior que elas apresentam sinais e sintomas semelhantes aos daquelas mulheres que consumaram o aborto.

<sup>13</sup> São numerosas as publicações científicas que relatam “efeitos positivos” do aborto dentro dos primeiros três meses de sua execução.

- **Sintomas e sinais relacionados à culpa.** A sensação de culpa pelo que se fez e pelo que não deveria ter feito, e os consequentes comportamentos reparadores como, por exemplo, não tomar analgésicos durante uma menstruação dolorosa, porque “mereço sofrer pelo que eu fiz”, ou solicitar ao ginecologista para extrair o útero, aproveitando a ocasião de uma intervenção obstétrica porque “não mereço ser mulher”, ou deixar de comer guloseimas porque “não mereço desfrutar da vida.”
- **Sintomas e sinais relacionados a uma nostalgia profunda pelo que poderia ter sido – ter um filho – e nunca será.** Depressão, angústia, reações de aniversário.
- **Comportamentos relacionados à busca de alívio da dor.** Álcool, drogas e, em casos extremos, tentativas de suicídio.
- **Sintomas relacionados à autoimagem e a sentimentos de estranheza consigo mesma.** Trata-se de um sentimento de *fragmentação interior*, no qual a mulher se debate entre a imagem de si antes do aborto, e a nova imagem de si que se vai constituindo com o tempo, após o aborto.
- **Sintomas e condutas relacionadas a uma visão desoladora do futuro**

Por fim, há que se destacar que avaliando retrospectivamente pacientes com abortos provocados, constatamos sinais e sintomas de um Transtorno por Estresse Pós-Traumático<sup>14</sup>. Dado que este transtorno não tinha sido abordado por terapeutas anteriores – pois a mulher o havia ocultado porque sabe que tal sintomatologia tem relação ao aborto que ela silencia –, não surpreende que sua evolução clínica seja a depressão ou quadros diversos de angústia. Neste sentido, e em concordância com outros colegas<sup>15</sup>, a experiência tem me ensinado que, diante de um quadro depressivo crônico e inexplicável, de início pouco claro e de evolução aguda, há que se considerar um aborto como uma de suas possíveis causas.

Comparando minha experiência clínica com os resultados de investigações publicadas, salta à vista que as metodologias aplicadas em tais estudos não alcançam a profundidade requerida para manifestar claramente a real magnitude do drama do aborto, drama que se evidencia ao longo de uma

---

<sup>14</sup> Gómez Lavín, C., Zapata García, R., Diagnostic categorization of post-abortion syndrome, *Actas Esp. Psiquiatr.*, 2005 Jul-Aug; 33(4): 267-72.

Rue, V., Coleman, P., Rue, J., Induced abortion and traumatic stress: a preliminary comparison of American and Russian women, *Med. Sci. Monit*, 2004; 10(10): SR5-16.

<sup>15</sup> Prof. Dr. Rubio, José L., Catedrático de Psicología Médica, Universidad de Valladolid: “Aspectos Psicopatológicos del Aborto”, Marzo/1991. (Informe não publicado)

psicoterapia. Como consequência lógica deste contraste, é evidente que a real incidência do aborto em termos psicológicos se encontra subavaliada na literatura científica.

## **V. Breve referência terapêutica**

O tratamento das sequelas psicológicas do aborto não é simples. Em grande parte, seus efeitos perduram por muito tempo, se é que elas chegam a cicatrizar.

O terapeuta visualiza os efeitos do aborto em duas dimensões. Por um lado, a dimensão moral, onde se localiza o peso na consciência por ter realizado o aborto, ou seja, a culpa moral. Por outro lado, os efeitos psicológicos descritos como consequência de uma maternidade frustrada. Um e outro requerem intervenções diferentes, se bem que complementares.

### **a) A dimensão moral:**

A mulher que abortou precisa tomar consciência e trabalhar três aspectos:

O primeiro: aproximar-se do sacramento do Perdão ou Confissão

O segundo: amenizar sua culpa pessoal com a dos outros envolvidos em seu aborto.

O terceiro: perdoar-se a si mesmo e aos outros envolvidos.

É no primeiro – aproximar-se do sacramento do Perdão – que se verificam os melhores resultados. Isso ocorre quando a mulher decide confessar sua falta a um sacerdote, não para se desculpar nem para contar *o que aconteceu*, nem para buscar consolo humano, fazendo o possível para se dar a entender, dando mais ênfase às circunstâncias que a levaram ao aborto do que ao ato de contrição, mas buscando sim acusar-se abertamente, reconhecendo sua falta em relação ao grau de participação que teve nos abortos. Afirmarções como: “a psicoterapia clareou minhas ideias, a confissão me deu paz”, “me fez tão bem me confessar porque sinto que tenho um peso mesmo” se escutam frequentemente quando a paciente se aproxima do sacramento com as disposições descritas. Da parte da mulher, supõe-se um conhecimento claro e correto do que é o sacramento, conhecimento este que nem sempre se tem.

Em relação ao segundo – amenizar sua culpa pessoal com a dos outros envolvidos em seu aborto –, é terapêutico que a mulher tome consciência do grau verdadeiro de culpa que ela deve assumir, posto que na maioria das vezes não é só ela que está envolvida na decisão de abortar. Por outro lado, é importante que se tome consciência de que a angústia, a confusão e a solidão que sentiu na hora da decisão podem atenuar sua culpa. Neste sentido, é pertinente a discussão de que, em muitos casos, a decisão de abortar é bem

pobre do ponto de vista da liberdade psicológica. Contudo, sempre haverá uma margem irrenunciável de liberdade pessoal, e é em virtude da liberdade que se explica sua culpa.

Em terceiro e último lugar, uma outra área de intervenção se apresenta quando a mulher não conclui o processo do perdão a si mesma e aos envolvidos no aborto. É como se a mulher refletisse: “como **eu** pude fazer isso!” A aceitação serena – possível apenas com humildade e no horizonte da fé – de que “somos vasos de barro”, imperfeitos, fracos, frágeis, pecadores e capazes de cometer qualquer atrocidade também constitui uma etapa importante no caminho da cura. Quanto ao fato de perdoar aos outros envolvidos, trata-se de um longo caminho de purificação de ressentimentos e rancores.

### **b) A dimensão psicopatológica:**

Apesar da experiência comprovar que a culpa desaparece ao fim de uma confissão sacramental, permanecem as sequelas afetivas. Para estas, há diversas intervenções possíveis. A título de apresentação de ideias, podemos sugerir:

- A intervenção psicofarmacológica costuma ser necessária.
- A participação numa atividade ou movimento Pró-Vida a fim de reparar a própria culpa
- O ato de dar um nome e pedir perdão ao bebê abortado. Com frequência, ocorre que numa gravidez posterior, a mulher deseja dar ao seu filho o nome que iria colocar naquele que abortou. Isto não é aconselhável. Contemplar o filho atual, chamando-o pelo nome do anterior, gera na mulher sentimentos confusos. Sem perceber, estes sentimentos viciarão a relação com o filho atual, podendo gerar neste dificuldades psicológicas. O filho atual é uma pessoa diferente do filho abortado, não seu substituto.
- Viver a dor pelo filho abortado em companhia de uma pessoa competente. Esta dor permaneceu guardada durante todo o tempo em que a mulher manteve o silêncio.
- Trabalhar as relações humanas com aqueles que estiveram implicados em seu aborto.

Finalmente, cabe destacar que todas estas indicações serão de difícil execução se não acontecerem em paralelo a um processo de crescimento na ordem da fé. Portanto, é indispensável que haja um acompanhamento espiritual em todo processo de cura.

## Reflexão final

Ao se refletir sobre o que foi exposto, há três considerações possíveis que não se excluem entre si:

- a) O aborto produz transtorno psíquico (ou seja, é psicopatogênico)
- b) O aborto é sinal de um transtorno psíquico prévio na mulher.
- c) O aborto é sinal de um vínculo conflitivo de um casal e de um abandono afetivo e/ou efetivo da mulher. Neste sentido, as mulheres que abortaram sentem que vivem seus dramas numa solidão injusta.

Se considerarmos o problema do aborto em relação à qualidade de vida, a conclusão evidente é que, por mais que a mulher que tenha abortado se encontre em condições de seguir com sua vida e seus projetos “*como se nada tivesse acontecido*”, sua vida afetiva vai se deteriorando de forma imperceptível. Haverá quem possa negar as sequelas psicopatológicas do aborto, mas dificilmente poderão negar que a qualidade de vida afetiva da mulher tem *um antes e um depois* em relação ao aborto.

Dr. Pablo Verdier M., Médico Psiquiatra

Escola de Psicologia, Pontificia Universidad Católica de Chile.

## O aborto na legislação chilena

Diferentemente do que ocorreu nas legislações de outros países – democráticos e também de regime totalitário –, desde o começo da República a proteção ao nascituro constitui um selo distintivo do ordenamento jurídico no direito chileno. Esta situação põe nosso país em uma posição de privilégio e de responsabilidade, pois nos obriga a cuidar e a transmitir o que significa contar com um patrimônio normativo que protege a vida e a dignidade humana desde a concepção.

Esta proteção, quase de trincheira, ocorre hoje num contexto mundial onde, nas três últimas décadas do século XX, a vigência do princípio reitor de respeito à vida humana mais indefesa e inocente sofreu uma virada radical. A legislação de vários países avançou contra o estatuto jurídico do embrião humano, para dar lugar a práticas abortivas, chamadas também com o eufemismo de “interrupção voluntária da gravidez.” Nesta mudança radical, teve grande relevância a triste sentença da Corte Suprema dos Estados Unidos de 1973 (Roe v. Wade), que reconheceu à mulher, como um direito, decidir entre a vida e a morte da criatura indefesa que carrega em suas entranhas.

Atualmente, pode-se constatar que aqueles países onde o aborto é lícito foram obrigados a determinar um limite temporal para que o ataque ao embrião se considere legítimo. Este limite, decerto, é absolutamente arbitrário e carente de qualquer nível decente de racionalidade e do mínimo respeito à dignidade da criatura humana. Os partidários deste mecanismo tão injusto nunca puderam explicar por que se delimita mais pro início ou mais pro fim a agressão contra a vida humana que se encontra no seio materno.

Para tais países, a modificação do estatuto jurídico do embrião humano significou levar adiante uma profunda reforma em legislações que tradicionalmente protegiam a vida humana. Esta mudança normativa nunca aconteceu no Chile, e é o objetivo fundamental do esforço que se encontra implícito nestas páginas para que ela jamais ocorra. Sabe-se muito bem como se entra no círculo de morte do aborto, mas, lamentavelmente, o que não se sabe é como sair dele.

A sólida proteção à vida desde a sua concepção permeia todo nosso ordenamento jurídico. Uma das múltiplas consequências deste patrimônio é o fato de que nosso país – diferentemente do que tentam fazer crer os partidários do aborto – possui índices sanitários ainda melhores que a nação mais desenvolvida no ocidente. Há vários anos, existem no Chile registros de mortes

maternas causadas por aborto clandestino. Este argumento seria suficiente para impedir qualquer tentativa de modificação das leis, já que, dentre outras coisas, estas leis não só passariam a condenar à morte as crianças inocentes, mas também agregariam uma causa de morte às mulheres chilenas que hoje as estatísticas baniram.

A proteção jurídica da vida desde a concepção se articula na Constituição de 1980, que consagra, pela primeira vez em uma Carta fundamental, o direito à vida e à integridade física e psíquica das pessoas (artigo 19 N° 1). O anterior não poderia ser de outro modo, já que a vida humana é a base dos demais direitos e liberdades.

O inciso 2° do artigo 19 N° 1 assegura que *“a lei protege a vida daquele que está por nascer”*, isto é, a vida do embrião ou do concebido e não nascido. Esta norma constitucional reconhece (não outorga) à criatura por nascer a qualidade de sujeito de direito em nosso ordenamento jurídico.

Complementa o anterior a subscrição a pactos internacionais, como a Convenção Americana de Direitos Humanos ou Pacto San José de Costa Rica, ratificado pelo Chile e atualmente vigente. O artigo 4° N° 1 desta Convenção assinala: *“Toda pessoa tem direito de que se respeite sua vida. Esse direito deve ser protegido por lei e, em geral, desde o momento da concepção. Ninguém pode ser privado da vida arbitrariamente.”*

A legislação de Direito Internacional deve se relacionar com o artigo 5° da Constituição, que impõe aos órgãos do Estado respeitar e promover os direitos essenciais que emanam da natureza humana, reconhecidos pela mesma Constituição ou por Tratados Internacionais ratificados pelo Chile e que se encontram vigentes.

Neste âmbito, deve-se citar o DS. N°830 (DO: 16 de janeiro de 1990, RREE), relativo à Convenção sobre os Direitos da Criança. O artigo 1° estabelece que *“criança é todo ser humano menor de 18 anos”*.

Sobre este tema, o Código Civil contém uma norma exemplar que demonstra nitidamente a obrigação jurídica que pesa sobre nossos tribunais na proteção jurídica do nascituro. O artigo 75 do Código de don Andrés Bello não deixa dúvidas sobre este particular quando dispõe que *“a lei protege a vida do que está por nascer. O juiz, por consequência, tomará, à petição de qualquer pessoa ou de ofício, todas as providências que lhe pareçam convenientes para proteger a existência do nascituro, sempre que esteja de alguma forma em risco.”*

Esta regra jurídica é a melhor demonstração de que o concebido adquire direitos inclusive antes de que se produza sua existência civil. Reconhecer que o nascituro é um sujeito digno de proteção jurídica aponta, de forma natural, para reconhecer o direito à vida, único “patrimônio” que a essa altura tem o embrião humano.

Mesmo antes da eloquente regra descrita, o mesmo Código Civil, ao definir o conceito de pessoa (artigo 55), dispõe: *“São pessoas todos os*

indivíduos da espécie humana, qualquer que seja a idade, o sexo, a raça ou condição...” Esta regra contém um juízo universal em virtude do qual é uma pessoa quem possui uma individualidade e pertence à espécie humana, e todo embrião, desde o instante da concepção, cumpre tais requisitos: trata-se de um indivíduo distinto da mãe, que possui um genoma humano único e irrepetível e, obviamente, pertence à espécie humana. Em consequência, é uma pessoa, e disso não há dúvida.

Um dos pontos centrais em relação ao abominável crime do aborto é que hoje, diferente de como era antes – já que este crime horrendo acompanha o homem desde sempre –, existem esforços articulados para justificar e transformar este homicídio como um direito lícito e almejado. Ao mesmo tempo, busca-se separar e romper o vínculo mais próximo e sagrado entre dois indivíduos: o amor entre a mãe e seu filho, fazendo com que ela se torne cúmplice perpétua do crime que vai cometer. É aqui que os partidários do aborto têm concentrado seus esforços e, para isso, têm inundado a sociedade com propaganda falsa e enganadora, como, por exemplo, a da gravidez não desejada, ocultando o que eles desprezam na realidade, que é a vida humana em sua expressão mais inocente.

Não obstante nossa contundente legislação Pró-Vida, em muitas ocasiões a maldade do aborto já causou danos irreparáveis às suas primeiras vítimas: o filho e a mãe. Consciente disso, o Projeto Esperança surge como verdadeiro caminho de cura da ferida aberta no interior deste vínculo sagrado entre estes primeiros afetados.

A pergunta que faz a mulher que começa a dimensionar a monstruosidade do ato cometido está resumida no título deste livro: “Senhor... onde está meu filho?” Cremos fielmente que a única resposta satisfatória se encontra quando se recorre ao penoso, mas libertador caminho em direção ao reencontro com seu filho nos braços de nosso Senhor. Só Ele é capaz de recolher e reconstituir os pedaços do filho abortado; só nele, a mãe encontra o perdão que a liberta da culpa que a persegue e a tortura; só Ele permite retomar sua condição de mãe e começar a relação com seu filho numa dimensão extraordinária e fecunda, a espiritual. As narrativas recolhidas nestas páginas são um testemunho eloquente do caminho de reconciliação e cura que surge do cuidado de nossa mãe e mestra, a Igreja Católica.

Jorge Reyes Zapata

Advogado

## **Agradecimento**

Queremos testemunhar nosso profundo agradecimento a quem se uniu a este trabalho, capacitando-se como voluntário e entregando desinteressadamente seu coração e seu tempo à atenção e ao acompanhamento de quem tanto necessita. Da mesma forma, agradecemos a todos que trabalharam incansavelmente para expandir o Projeto Esperança.

Fazem parte desta equipe:

Adriana Avendaño  
Cecilia Cuevas  
Elizabeth Bunster  
Raúl Díaz  
María Elena Krestchmer  
Ulrike Baader  
Cecília Bórquez  
Cecília Peña  
Sílvia Ilabaca  
Ilia Barraza  
Patricia Mendoza  
Irlanda Baeza  
Sandra Farías  
Bernardita Suazo  
Ana Koppmann  
Claudia Gutiérrez  
Gabriel González  
Carmen Gloria Cruzat  
Miryam Escobar  
Margarita Rodríguez  
Elisa Montalva  
Maria Eugenia Arellano  
Andrea Blanco  
Rolando Suárez  
Maria Verônica Araneda  
Myriam Guajardo  
Sara Manríquez  
Brígida Silva  
Alejandra Herreros  
Patricia Saavedra  
Maria Paz Ruiz-Tagle  
Polonia Espinosa  
Lilian Cartes  
María Ester Albornoz  
Carmen Palacios  
Rodolfo Zuñiga  
Marcelo Flores  
Sandra González  
Mónica Fuenzalida

[página 114]

**Somos partidários da Vida  
e levamos no peito uma esperança**

## Índice

### **Apresentação**

Juan Ignacio González Errázuriz. Bispo de San Bernardo .....5

### **Somos a semente do dia que se inicia**

#### **História do Projeto Esperança**

Elizabeth Bunster Chacón .....9

### **Meu testemunho**

**Relato de uma fundadora do Projeto Esperança** .....21

### **Testemunhos**

Testemunho de uma acompanhante .....31

Ao iniciar o Projeto Esperança .....35

Carta para minha mãe .....37

Não é fácil escrever esta carta .....39

Ó, Deus Santo .....43

“A”, de aborto

Testemunho de um homem.....47

Me apaixonei .....49

Sou uma mulher que abortou em duas oportunidades .....53

Sou uma mulher que fez um aborto há dez anos

Testemunho do Equador .....57

Deus entrou em minha vida e trouxe com Ele o meu filho..... 63

Participar do Projeto Esperança

Testemunho de um jovem .....65

Carta ao editor .....67

Uma criança vive em mim .....69

Testemunhos do Peru .....	73
<b>Acolher e acompanhar ao encontro com Deus</b>	
Padre Jaime Ochagavía .....	77
<b>Minha partilha como sacerdote neste caminho pastoral</b>	
Padre Juan Pablo Rovegno M. ....	79
<b>O luto...que dói</b>	
Padre Marcos Burzawa, msf .....	81
<b>Sequelas psicológicas do aborto provocado</b>	
Dr. Pablo Verdier M., Médico Psiquiatra .....	89
<b>O aborto na legislação chilena</b>	
Jorge Reyes Zapata, Advogado .....	107
<b>Agradecimento</b> .....	113

[Quarta capa]

**Senhor... onde está meu filho?** Reflete a dor, o arrependimento e a frustração de todas aquelas pessoas que, muitas vezes, por ignorância ou desorientação, não viram outra saída a não ser o aborto de seus filhos. Mas, juntamente com esta profunda dor, está também a esperança e a confiança na Misericórdia Infinita de Deus que permite curar esta ferida mediante um caminho de reconciliação e reencontro com o filho através do Projeto Esperança.